

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

ELAINE CRISTINA DE AZEVEDO PACHECO

**DISCURSOS DE EMPREENDEDORISMO NA VOZ DE ALUNOS
DOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO E PEDAGOGIA**

Itatiba
2017

ELAINE CRISTINA DE AZEVEDO PACHECO – RA 002201600979

**DISCURSOS DE EMPREENDEDORISMO NA VOZ DE ALUNOS
DOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO E PEDAGOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação - Linha de pesquisa: Educação, Linguagens e Processos Interativos, da Universidade São Francisco, como requisito para obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia

Itatiba

2017

37:658.011.8 Pacheco, Elaine Cristina de Azevedo.
P118d Discursos de empreendedorismo na voz dos alunos
dos cursos de administração e pedagogia / Elaine
Cristina de Azevedo Pacheco. – Itatiba, 2017.
77 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-
Graduação *Stricto Sensu* em Educação da
Universidade São Francisco.
Orientação de: Márcia Aparecida Amador Máscia.

1. Educação. 2. Empreendedorismo.
3. Sujeito. 4. Governamentalidade. 5. Análise do
Discurso. I. Máscia, Márcia Aparecida Amador. II. Título.



UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO

Elaine Cristina de Azevedo Pacheco defendeu a dissertação “DISCURSOS DE EMPREENDEDORISMO NA VOZ DE ALUNOS DOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO E PEDAGOGIA” aprovada no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 19 de dezembro de 2017 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Márcia A. Mascia', written over a horizontal line.

Profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia
Orientadora e Presidente

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Luzia B. de Oliveira Silva', written over a horizontal line.

Profa. Dra. Luzia Batista de Oliveira Silva
Examinadora

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Ruth M. Rodrigues Garé', written over a horizontal line.

Profa. Dra. Ruth Maria Rodrigues Garé
Examinadora

Aos meus pais: Rita e Ubiratan.

Aos meus amores: Eros e Eros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter me abençoado com saúde, força e energia neste período de estudo.

Aos meus pais, Rita e Ubiratan, que sempre apoiaram e incentivaram meu desenvolvimento pessoal e profissional. Me deram condições para que eu chegasse nesta jornada e estiveram presentes em todos os momentos da minha vida.

Ao meu marido e grande amor, Eros, que sempre está ao meu lado, me apoiando em todos os momentos e me motivando para enfrentar todos os desafios. Te amo muito.

Ao meu filho amado, Eros, que mesmo tão pequenininho durante esta jornada de estudo, entendeu meus momentos de ausência e silêncio, e foi meu grande companheiro nos momentos de leitura. Tudo isso foi por você meu filho, te amo muito.

Aos meus irmãos Vitor e Fabíola, que acompanharam meu crescimento e acreditaram em mim.

Ao meu sogro José Ignácio, sua esposa Cristiana e meu cunhado Pedro, com quem pude contar em todos os momentos desta jornada.

Ao meu gestor Everton, que me incentivou a participar do programa, me apoiou durante os estudos e entendeu os meus momentos de ausência no trabalho.

Aos meus colegas da FAE e do Bom Jesus que dividiram muitos momentos de estudos, angústias, nervosismo, risadas, conquistas e muitas viagens. Sem vocês tudo ficaria mais difícil.

À minha professora e orientadora Prof^a Dr. Márcia Aparecida Amador Márcia, que além de me ensinar muito, acreditou no meu projeto e me orientou de forma extraordinária. Te admiro muito professora.

Ao Prof^o Dr. Carlos Roberto da Silveira e à Prof^a Dr. Luzia Bueno que me proporcionaram momentos de aprendizado e grandes reflexões durante as aulas.

À Prof^a Dra. Luzia Batista de Oliveira Silva e à Prof^a Dr. Ruth Maria Rodrigues Garé pelo carinho com minha pesquisa e pelas contribuições que foram essenciais para a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

A pesquisa realizada nessa dissertação faz parte do Grupo de Estudos foucaultianos e Educação, certificado pelo CNPq, tendo como líder a profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia e foi motivada pela minha experiência como professora na área de empreendedorismo. No Centro Universitário em que atuo há 9 anos, a disciplina de empreendedorismo foi implantada nas grades curriculares de todos os cursos, o que me proporcionou ministrar aulas em diversas áreas de saberes. Ao longo dos anos ministrando aulas, pude perceber o desinteresse pela disciplina por parte de alguns alunos, principalmente daqueles que não eram da área de gestão, apesar do mercado de trabalho demandar o comportamento empreendedor. Com esta pesquisa pretendemos responder à seguinte pergunta: como a subjetividade dos alunos dos cursos de Administração e Pedagogia é atravessada pela disciplina de Empreendedorismo? Primeiramente trouxemos uma reflexão sobre os principais conceitos da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), a partir de autores como Pêcheux e Foucault e seus críticos. Então nos preocupamos em apresentar o pensador Foucault e suas fases de estudo, tratando dos conceitos de regimes de verdade, poder, saber e governamentalidade, baseados na obra *Microfísica do Poder*, e também nos críticos Veiga-Neto e Judith Revel. Como pano de fundo da pesquisa, apresentamos um breve histórico do empreendedorismo e suas definições e, para contextualizar o intraempreendedorismo e empreendedorismo de si, fizemos uma reflexão sobre o conceito de Modernidade Líquida, segundo o sociólogo Zygmunt Bauman. O nosso objetivo principal é contribuir para repensar os regimes de verdade que atravessam a disciplina de Empreendedorismo em curso de graduação. Como objetivos específicos, nos propusemos a: levantar as relações de governamentalidade que constituem o empreendedorismo no macro-discurso contemporâneo; identificar os efeitos de sentido de empreendedorismo nas falas dos sujeitos entrevistados; identificar se tais efeitos apontam para a emergência de estranhamento e apontar como os efeitos de sentido acima elencados se manifestam na materialidade linguística. Como metodologia, foi utilizado o método qualitativo interpretativista, em que foi tomado como *corpus* de pesquisa entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas com três alunas de Administração e três alunas de Pedagogia de um dos Centros Universitários Privados de Curitiba. Como resultado, percebemos que as alunas de Administração não apresentam estranhamento à disciplina de empreendedorismo, apenas um sentimento de incapacidade. Já as alunas de Pedagogia apresentam um inicial estranhamento, que foi esmorecendo à medida que o semestre foi passando. Um dos sentidos encontrados na pesquisa é que tanto as alunas de Administração quanto as alunas de Pedagogia são atravessadas pelo empreendedorismo de negócios. Porém, inconscientemente, todos os sujeitos assumem a posição de sujeitos empreendedores de si.

Palavras-chave: Educação. Empreendedorismo de si. Análise do discurso. Sujeito. Governamentalidade.

ABSTRACT

The research realized in this dissertation is part of the Foucauldian Studies and Education Group, certified by CNPq, having as leader the prof. Dr. Márcia Aparecida Amador Mascia and was motivated by my experience as a teacher in the area of entrepreneurship. In the University Center where I have been working for 9 years, the entrepreneurship discipline was implanted in the curriculum of all courses, which allowed me to teach classes in various areas of knowledge. Over the years teaching classes, I was able to perceive the lack of interest in the discipline on the part of some students, mainly of those who were not of the area of management, although the labor market demand the behavior of the entrepreneur. With this research we intend to answer the following question: how the subjectivity of the students of the courses of Administration and Pedagogy is crossed by the discipline of Entrepreneurship? We first brought a reflection on the main concepts of French Line Discourse Analysis (hereafter AD), from authors such as Pêcheux and Foucault and their critics. So we are concerned with presenting the thinker Foucault and his study phases, dealing with the concepts of regimes of truth, power, knowledge and governmentality, based on the work *Microphysics of Power*, as well as in the critics Veiga-Neto and Judith Revel. As a background for the research, we present a brief history of entrepreneurship and its definitions and, to contextualize intrapreneurship and entrepreneurship, we have made a reflection on the concept of Net Modernity, according to sociologist Zygmunt Bauman. Our main objective is to contribute to rethinking the truth regimes that cross the discipline of Entrepreneurship in course of graduation. As specific objectives, we set out to: raise the governance relations that constitute entrepreneurship in the contemporary macro-discourse; to identify the effects of entrepreneurship in the speeches of the subjects interviewed; to identify if such effects point to the emergence of estrangement and to point out how the above-mentioned effects of meaning are manifested in linguistic materiality. As a methodology, the qualitative interpretative method was used, in which semi-structured, recorded and transcribed interviews with three Administration students and three Pedagogy students from one of the Private University Centers of Curitiba were used as a corpus of research. As a result, we realize that the students of Administration do not present estrangement to the discipline of entrepreneurship, only a feeling of incapacity. The students of Pedagogy present an initial strangeness, which was fading as the semester passed. One of the meanings found in the research is that both Management students and Pedagogy students are traversed by business entrepreneurship. However, unconsciously, all subjects assume the position of self-enterprising subjects.

Keywords: Education..Entrepreneurship itself. Speech analysis. Subject. Governmentality.

LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIações

AD	- Análise do Discurso
CAAE	- Certificado de apresentação para Apreciação Ética
CEP	- Comitê de Ética em Pesquisa
CPA	- Comissão Própria de Avaliação
CPC	- Conceito Preliminar de Curso
ENADE	- Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
GEM	- <i>Global Entrepreneurship Monitor</i>
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	- Instituições de Ensino Superior
MBA	- <i>Master Business Administration</i>
MEC	- Ministério da Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 EMPREENDEDORISMO	12
1.1 HISTÓRICO DO EMPREENDEDORISMO	12
1.2 INTRAEMPREENDEDORISMO	15
1.3 EMPREENDEDORISMO DE SI	16
2 FOUCAULT - REGIMES DE VERDADE, RELAÇÕES DE PODER E SABER E GOVERNAMENTALIDADE	20
2.1 RELAÇÕES DE PODER-SABER	20
2.2 REGIMES DE VERDADE	21
2.3 A GOVERNAMENTALIDADE	22
2.4 TÉCNICAS DE SI	25
3 ANÁLISE DO DISCURSO	28
3.1 FASES E CONCEITO	28
3.2 FORMAÇÃO DISCURSIVA	30
3.3 INTERDISCURSO E IDEOLOGIA	32
3.4 SUJEITO E SUA FORMA HISTÓRICA	34
4 METODOLOGIA	36
4.1 A COLETA DE DADOS	36
4.2 A INSTITUIÇÃO E OS CURSOS ANALISADOS	37
4.3 A DISCIPLINA	38
4.4 OS SUJEITOS	39
5 OS EFEITOS DE SENTIDO DO EMPREENDEDORISMO QUE ATRAVESSAM OS SUJEITOS DE PESQUISA	42
5.1 SENTIDOS E ESTRANHAMENTOS DE EMPREENDEDORISMO NAS VOZES DOS SUJEITOS PARTICIPANTES	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ANEXO I	77

INTRODUÇÃO

Meu sonho sempre foi ser professora, mas não qualquer professora, e sim aquela que realmente marca a vida do aluno. Após muita luta, alcancei meu objetivo, porém ainda me questiono qual é minha parcela de contribuição na melhoria contínua do meu aluno e se estou contribuindo para mudar o mundo. Então como minha história começa?

Sou Curitibana e nasci em uma família pequena, somente 5 pessoas, quase todos professores. Minha educação foi bastante formal, e meu pai sempre prezou e sonhou para seus filhos um emprego fixo, estável e com um bom salário.

Apesar de sempre ter sonhado em atuar em uma sala de aula, escolhi cursar Administração, em um Centro Universitário particular em Curitiba. Este, muito tradicional e reconhecido na cidade, com uma formação forte em gestão e voltado à formação empreendedora, o que me proporcionou o contato com o empreendedorismo em um momento em que o assunto ainda não era muito discutido no Brasil.

Durante a faculdade comecei logo a trabalhar e no segundo ano iniciei meu estágio na área administrativa em um grupo educacional. Pelo fato de eu estar inserida no meio educacional, a vontade de ser professora voltou a aflorar, mas eu sabia que pela minha formação não seria nada fácil. Então, como eu gostava muito de pessoas e de alguma maneira ajudá-las, foquei minha formação na área de Gestão de Pessoas e procurei atuar nesta área, nunca deixando de lado o meu sonho de sala de aula.

As oportunidades foram chegando e quando eu menos esperei estava em sala de aula no papel de professora. Neste dia, prometi para mim mesma que eu tentaria ser a melhor professora que pudesse, e que minhas aulas seriam tão incríveis a ponto dos meus alunos não esquecerem. Também coloquei como meta influenciar os alunos que passariam por mim a fazerem um mundo melhor.

A minha vida docente sempre esteve ligada ao empreendedorismo. Minha primeira experiência foi no Projeto Bom Negócio, em que eu ensinava microempresários dos bairros de Curitiba sobre planejamento de negócios. Logo após, fui convidada a dar aula de empreendedorismo para alunos do ensino fundamental na rede de ensino em que eu trabalhava. Foi uma experiência única, pois por tratar-se de um público composto por adolescentes, as aulas de empreendedorismo não interessavam a maioria deles, e minha meta de influenciar para um mundo melhor estava indo por água abaixo, mas eu nunca desistiria.

Anos se passaram e então voltei para a faculdade em que estudei, agora no papel de professora, e de empreendedorismo. Ao entrar na sala de aula, me deparei com um público de alunos muito diferente do que eu estava acostumada: agora eram adultos, maduros e que na minha visão entendiam a importância do empreendedorismo na vida deles. Esta minha visão estava errada, pois eu estava tentando falar de negócios para alunos que não estavam estudando negócios.

Foi então que mudei o meu discurso sobre empreendedorismo. Passei a mostrar para meus alunos que a atitude empreendedora pode ser aplicada em todas as dimensões: na nossa vida, na nossa carreira, no nosso trabalho, na nossa família, para negócios etc, ou seja, podemos ser empreendedores como modo de vida.

A proposta de trabalho surgiu a partir desta experiência como professora na área de Empreendedorismo. Durante os 9 anos de experiência ministrando as aulas, pude perceber que há o desinteresse por parte de alguns alunos, apesar do mercado de trabalho demandar o perfil empreendedor em todas as áreas de saberes.

No Centro Universitário particular situado na cidade de Curitiba em que me formei e hoje atuo, a disciplina de Empreendedorismo foi implantada em todas as grades curriculares há 10 anos, fato que me proporcionou ministrar aulas desta disciplina para diversas áreas de saberes, entre elas Administração e Pedagogia. Em minha experiência do dia a dia, observei, de maneira preliminar, uma diferença significativa de receptividade da disciplina nas várias áreas dos saberes, o que despertou em mim o interesse de realizar uma investigação acadêmica, de modo a ampliar o nosso olhar em relação ao ensino do empreendedorismo no ensino superior.

No cenário atual, encontramos um mercado de trabalho altamente competitivo que necessita de profissionais que saibam enfrentar os desafios decorrentes desta competitividade, e que realizem suas atividades de maneira qualificada. Portanto, para atender à demanda de inovação das instituições atuais, o mercado de trabalho necessita cada vez mais de profissionais empreendedores, seja qual for sua formação.

Neste, podemos trazer o conceito do empreendedor corporativo, ou intraempreendedor que, de acordo com Dornelas (2007), é aquele profissional competente, que trabalha de olho nos resultados para crescer no mundo corporativo. O intraempreendedor alavanca novos projetos, e pode ser considerado um novo estado de espírito, baseado em um conjunto de

comportamentos e atitudes que levam as organizações a inovarem e evoluírem constantemente (CARNEIRO, 2013).

Para atender à demanda do mercado de trabalho, as Instituições de Ensino Superior (IES) constantemente estudam o mercado, suas mudanças e suas demandas, e organizam sua estrutura curricular, a fim de formar profissionais de qualidade que consigam aplicar as teorias relativas à profissão escolhida.

Diante deste cenário, muitas instituições de ensino somam à sua proposta, o desenvolvimento do empreendedorismo, seja através de atividades de extensão, núcleos de apoio ou até mesmo a inserção da disciplina na matriz curricular dos cursos.

Este trabalho de mestrado situa-se na área da Educação na linha de Educação, Linguagens e Processos Interativos, faz parte do Grupo de Estudos foucaultianos e Educação, certificado pelo CNPq, tendo como líder a profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia, e tem como tema um estudo sobre a receptividade da disciplina de Empreendedorismo por alunos de Administração e Pedagogia de um Centro Universitário particular de Curitiba

Partindo do pressuposto de que o Empreendedor é uma pessoa que consegue gerar e aplicar ideias inovadoras em qualquer área do saber, então toma-se como hipótese que o aluno de Administração vê a disciplina como intrínseca à constituição do sujeito Administrador, acatando-a. Por outro lado, o aluno de Pedagogia não vê a disciplina como constitutiva de sua subjetividade, causando-lhe um estranhamento.

De acordo com a pesquisa da Comissão Própria de Avaliação – CPA do 1º semestre de 2017, os alunos de Administração, em uma escala de 1 à 5, avaliam a importância da disciplina de Empreendedorismo para a seu crescimento pessoal e profissional com uma nota de 4,58, enquanto os alunos de Pedagogia avaliam com uma nota de 3,38.

Pretendemos com essa pesquisa responder à seguinte pergunta: como a subjetividade dos alunos dos cursos de Administração e Pedagogia é atravessada pela disciplina de Empreendedorismo?

Partindo das considerações acima, esta pesquisa tem como objetivo geral contribuir para repensar os regimes de verdade que atravessam os modos de subjetivação que perpassam a disciplina de Empreendedorismo em curso de graduação.

Por sua vez, os objetivos específicos são: a) Analisar as relações de governamentalidade que constituem o empreendedorismo no macro-discurso contemporâneo; b) Identificar os efeitos de sentido de empreendedorismo nas falas dos sujeitos entrevistados; c) Identificar se tais efeitos apontam para a emergência de estranhamento; d) Apontar como os efeitos de sentido acima elencados se manifestam na materialidade linguística.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizado o método qualitativo interpretativista, em que foi tomado como *corpus* de pesquisa entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas com alunos de um dos Centros Universitários Privados de Curitiba.

O Centro Universitário Privado de Curitiba, em questão, possui 25 cursos de graduação e faz parte de um Grupo Educacional com mais de 120 anos. Localizado no Centro da Cidade, possui três prédios, onde dois funcionam a graduação e um deles a pós graduação, e uma unidade na região metropolitana.

Os sujeitos que serviram como informantes de dados, no momento da entrevista, estavam matriculados na IES analisada, nos cursos de Administração e Pedagogia e cursaram a disciplina de Empreendedorismo no semestre em que esta foi ofertada.

Para analisar os materiais produzidos pelos sujeitos, a pesquisa encontra-se baseada na Análise do Discurso da linha francesa, tomando como fundamentação teórica a noção de sujeito e discurso, na convergência dos estudos de governamentalidade de Foucault, bem como os conceitos de modernidade líquida e globalização, segundo Bauman.

A Análise do Discurso (doravante AD) iniciou na França, com Michel Pêcheux como seu principal articulador, no fim da década de 60, na perspectiva de uma intervenção que visa combater o excessivo formalismo da linguística então vigente. A AD vai em busca do sujeito até então descartado, que é descentrado, afetado pela ferida narcisista, o sujeito assujeitado.

Para Foucault, o sujeito se constitui a partir da subjetivação, que acontece de três modos: pelo estatuto da ciência, como a objetivação do sujeito do discurso na gramática e na linguística (saber); objetivação do sujeito nas práticas divisórias (poder); e a subjetivação, o modelo pelo qual o ser humano se torna um sujeito (técnicas de si) (REVEL, 2005).

Para controle de poder da população, o pensador traz a ideia de Governamentalidade, que são dispositivos que dão as “regras” de como agir e de como se comportar. Foucault

acredita que o Estado se governamentaliza a partir de uma sequência de eventos e arranjos políticos.

Quando falamos em governamentalidade, podemos falar em uma forma de governo de coisas, ou seja, o governo não se refere ao território, e sim a um conjunto de homens e suas relações com as coisas, como: riquezas, recursos, meios de subsistência, clima, seca, fertilidade, costumes, os hábitos, as formas de agir ou de pensar, fome, epidemia, morte etc. O governo é uma forma de administrar, com táticas para que determinados fins possam ser atingidos.

Como “pano de fundo”, exploraremos a noção de modernidade-líquida trazida por Bauman (2001), sendo que, para o autor, passamos da Modernidade sólida para a Modernidade líquida. A Modernidade líquida derreteu o sólido, em que a impermanência torna-se presente, fazendo com que os líquidos ou fluidos, ao contrário dos sólidos, não mantenham sua forma com facilidade.

A presente pesquisa se inicia com o capítulo 1, intitulado de Empreendedorismo, em que foi apresentado um breve histórico e suas definições, dando um enfoque ao intraempreendedorismo e empreendedorismo de si. Como pano de fundo, discutimos a Globalização e a Modernidade Líquida sob o ponto de vista de Zygmunt Bauman. Então, no capítulo 2: Foucault – regimes de verdade, relações de poder e saber e governamentalidade, passamos para um breve discussão sobre as 3 fases de estudo de Foucault, discutindo os conceitos de regimes de verdade, poder, saber e governamentalidade, baseados na obra *Microfísica do Poder*, e também nos críticos Veiga-Neto e Judith Revel. Para finalizar o embasamento teórico, o capítulo 3 foi dedicado à Análise do Discurso, em que nos dedicamos a apresentar alguns dos principais conceitos da AD de linha francesa, baseando em autores como Pêcheux na interface com Foucault e seus críticos. No capítulo 4 descrevemos as condições de produção da pesquisa e a metodologia empregada para a constituição do *corpus* de pesquisa, bem como uma breve descrição do centro universitário em que os alunos pesquisados estão matriculados, e também os cursos de Administração e Pedagogia aqui analisados. Enfim, no capítulo 5, é feita a análise discursiva de alguns excertos das entrevistas realizadas com os sujeitos, finalizando esta pesquisa com as conclusões acerca das investigações propostas.

1 EMPREENDEDORISMO

Neste capítulo, será apresentado um breve histórico do empreendedorismo e suas definições, com detalhamento de intraempreendedorismo e empreendedorismo de si.

Para contextualizar o intraempreendedorismo e o empreendedorismo de si, a pesquisa trará uma reflexão do conceito de Modernidade Líquida, segundo o sociólogo Zygmunt Bauman.

1.1 HISTÓRICO DO EMPREENDEDORISMO

Atualmente ouvimos falar muito de empreendedorismo, sobre o perfil empreendedor e o intraempreendedorismo, mas muitas pessoas não sabem muito bem o que significam estas palavras difíceis de serem pronunciadas.

Empreender é a realização máxima dos sonhadores que almejam ver seus sonhos concretizados. Alguns empreendem por meio do próprio negócio; outros, em grandes empresas. Há aqueles que empreendem coletivamente, outros, sozinhos, e há ainda os que participam de organizações não governamentais. Empreender pode estar relacionado com fazer acontecer em várias fases da vida do ser humano (DORNELAS, 2016, p. 2).

Não faz muito tempo que ouvimos falar de empreendedorismo, mas a palavra nasceu no séc XVII, e o empreendedorismo sempre existiu e permanecerá na humanidade por muito tempo. Desde a pré-história o ser humano possui necessidades e problemas, e a partir destes cria soluções inovadoras. Ao longo da história da humanidade, podemos perceber alguns exemplos destas soluções inovadoras como: a descoberta do fogo, a criação da roda, a descoberta da energia elétrica, a invenção do avião, a criação do telefone, o computador pessoal, a internet, entre outras. Essas criações geraram outras necessidades e oportunidades, que deram origem a outras ideias, e conseqüentemente fizeram evoluir a humanidade, a sociedade e a economia.

A seguir, apresentamos a Figura 1 que representa a evolução da palavra Empreendedorismo:

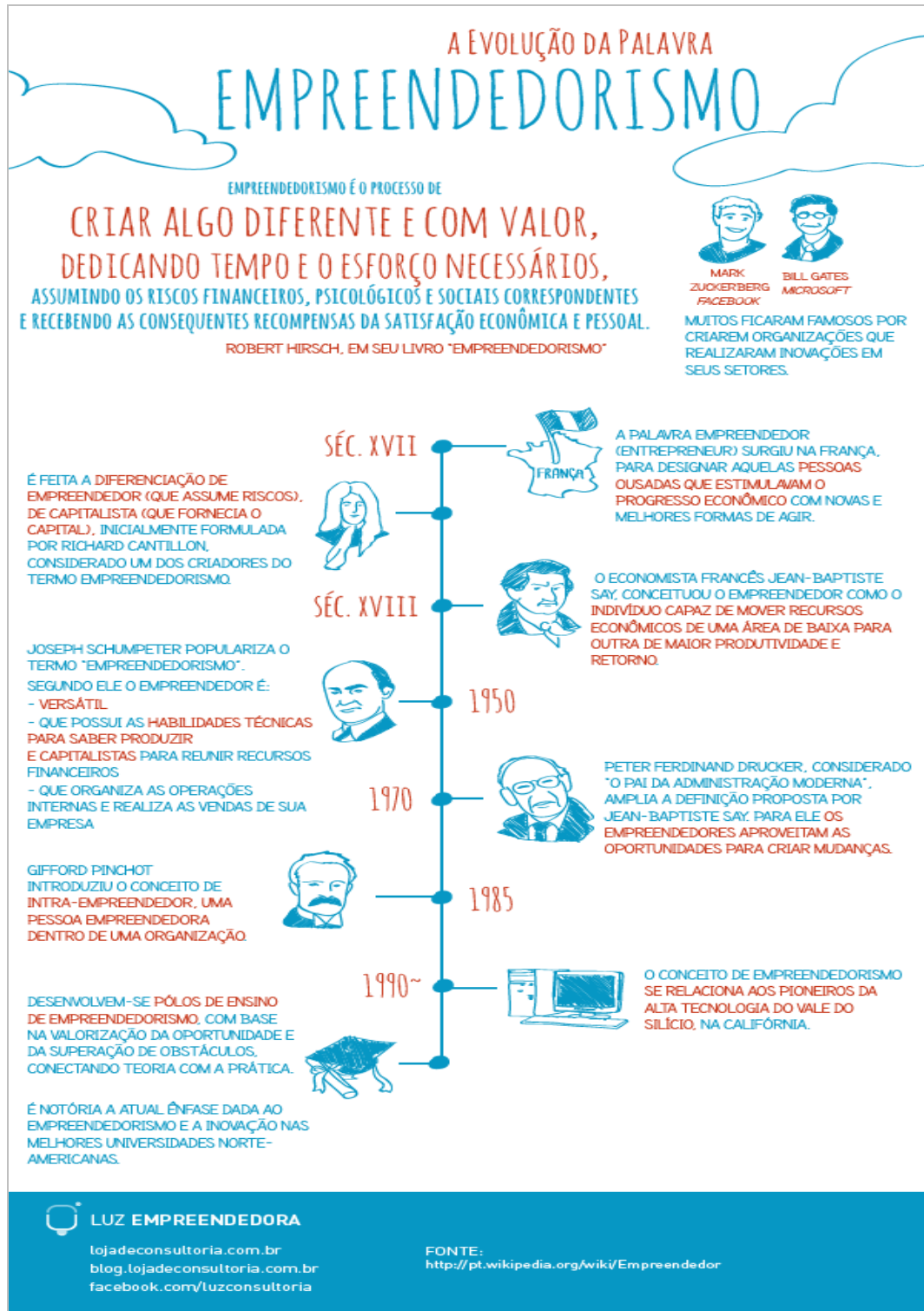


FIGURA 1 - A Evolução da Palavra Empreendedorismo

Fonte: Slotfeldt (2017)

De acordo com a Figura 1, por muito tempo, os empreendedores foram chamados de administradores e inventores, e apenas no séc XII, na França, que a palavra empreendedor foi relacionada com as pessoas que estimulavam o progresso econômico. Ao longo do tempo, o termo empreendedorismo foi sofrendo modificações e ganhando as características que conhecemos atualmente. Mas somente em 1985, que o economista Pinchot introduziu o conceito de intra-empreendedorismo, que é a pessoa empreender no seu local de trabalho, sem ser o dono do negócio. Este conceito é muito utilizado hoje em dia e será abordado nos próximos itens.

Em 1990, devido ao avanço da tecnologia, promovido pelos empresários do Vale do Silício, o termo empreendedorismo passou a relacionar-se com este ecossistema, fato que gerou o reconhecimento como grandes empreendedores Bill Gates e Steve Jobs.

No Brasil começou-se a falar em empreendedorismo no início da década de 90, devido à abertura da economia, comandada pelo Presidente Fernando Collor de Melo. As empresas multinacionais chegaram ao Brasil aumentando a competitividade, a mão de obra humana foi trocada por robôs gerando o desemprego, o brasileiro começou a ter facilidade de acesso aos produtos importados. Então a indústria brasileira teve que começar a inovar, os desempregados começaram a abrir pequenos negócios, e foram criadas duas entidades importantes para o empreendedorismo no Brasil: Sebrae e Sociedade Brasileira para Exportação de *Software* (Softex).

Nos últimos 10 anos, pudemos observar a criação de pólos de ensino do empreendedorismo e o investimento das escolas e faculdades para prepararem alunos empreendedores. Além disso, movimentos como Semana Nacional do Empreendedorismo, instituições públicas como o Sebrae, e a mídia vêm estimulando o desenvolvimento do perfil empreendedor e tornando esse tema cada vez mais discutido na sociedade. De acordo com o relatório *Global Entrepreneurship Monitor*¹ – GEM (ANDREASSI, 2015, o Brasil é um dos países mais empreendedores do mundo, e os brasileiros têm grandes intenções de ter o seu próprio negócio.

¹ *Global Entrepreneurship Monitor* – GEM – é uma pesquisa anual que visa descrever o panorama no empreendedorismo nos países. O conceito de empreendedorismo adotado pelo GEM, é qualquer tentativa de criação de um novo negócio, como por exemplo, uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente.

Em síntese, os últimos anos foram repletos de iniciativas em prol do empreendedorismo, criando as bases para a nova fase do empreendedorismo no país, que pode ser representada por dois importantes eventos no Brasil nesta década: a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Trata-se de dois importantes marcos que estimularam novas oportunidades empreendedoras e que proporcionarão a criação e o desenvolvimento de novos negócios no país por vários anos após seu encerramento, devido à sua repercussão. É o novo momento do Brasil, e o empreendedorismo será o protagonista dos próximos anos (DORNELAS, 2016, p. 17-18).

A Copa do Mundo de Futebol de 2014 e as Olimpíadas de 2016 foram fontes de novas oportunidades que geraram a criação e o desenvolvimento de novos negócios, mas podemos citar também um outro fator gerador de novos negócios: a crise política e econômica do Brasil. Esta, vivenciada no Brasil a partir de 2016, culminou em um alto índice de desemprego. Segundo o Jornal Valor Econômico, de 28/04/2017, em abril de 2017, o IBGE aponta nível recorde de desempregados no Brasil, chegando a 14,2 milhões de pessoas. Este alto índice de desemprego gera diversos problemas sociais e conseqüentemente a geração de novos negócios, sejam por oportunidade ou necessidade.

1.2 INTRAEMPREENDEDORISMO

Para empreender não é necessário abrir uma empresa. “Empreender pode ser definido como o ato de realizar sonhos, transformar ideias em oportunidades e agir para concretizar objetivos, gerando valor para a sociedade” (DORNELAS, 2016, p.2). Podemos empreender no local onde trabalhamos. Mas como? Atualmente encontramos um mercado de trabalho altamente competitivo que necessita de profissionais que saibam enfrentar os desafios decorrentes desta competitividade, e que realizem suas atividades de maneira qualificada. Segundo Carneiro (2013), as sociedades estão observando o surgimento de uma profunda mudança de comportamento dos agentes econômicos, denominada de Administração Empreendedora. Essa mudança mostra como as instituições estão trabalhando para atender à demanda dos novos consumidores. “Na verdade, a principal inovação responsável pela transformação da economia e pelo crescimento do mercado de trabalho é a chamada Administração Empreendedora” (CARNEIRO, 2013, p.4). O termo intraempreendedorismo, trazido pelo professor americano Gifford Pinchot, conforme figura 1, é uma grande contribuição para a Administração Empreendedora. Portanto, para atender à demanda de inovação das instituições atuais, o mercado de trabalho necessita cada vez mais de profissionais empreendedores, seja qual for sua profissão.

De acordo com Dornelas (2007), o empreendedor corporativo, ou intraempreendedor, é aquele profissional competente, que trabalha de olho nos resultados para crescer no mundo corporativo. O intraempreendedor alavanca novos projetos, e pode ser considerado um novo estado de espírito, baseado em um conjunto de comportamentos e atitudes que levam as organizações a inovarem e evoluírem constantemente (CARNEIRO, 2013).

De acordo com o artigo “5 competências que a faculdade (ainda) não ensina”, veiculado pela revista EXAME (2015), apesar da riqueza de experiências que o mundo acadêmico proporciona, nem sempre os aprendizados adquiridos na graduação estão em sincronia com as competências exigidas no mercado de trabalho. Ainda, a maioria dos currículos são engessados, proporcionando muita teoria e pouca prática. Essa realidade cria algumas lacunas, ou seja, competências que o mercado necessita que ainda não são oferecidas pelos cursos universitários como: inteligência emocional, visão de negócio, liderança, trabalho em equipe, *networking*, domínio de línguas.

Diante deste cenário, muitas instituições de ensino somam à sua proposta, o desenvolvimento do empreendedorismo, seja através de atividades de extensão, núcleos de apoio ou até mesmo a inserção da disciplina na matriz curricular dos cursos.

1.3 EMPREENDEDORISMO DE SI

Ao observarmos a sociedade nas últimas décadas, podemos constatar que houve significativas mudanças nas relações pessoais, na economia, no trabalho, nas relações familiares, enfim, na rotina das pessoas. Esse fato é fruto do que chamamos de globalização. Segundo Bauman (1999) atualmente podemos falar do “fim da geografia”, em que a fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar e, assim, as distâncias já não importam.

Com o tempo de comunicação implodindo e encolhendo para a insignificância do instante, o espaço e os delimitadores de espaço deixam de importar, pelo menos para aqueles cujas ações podem se mover na velocidade da mensagem eletrônica (BAUMAN, 1999, p. 16).

De acordo com Bauman (1999), o espaço cibernético, pelo qual as pessoas não são separadas por obstáculos físicos ou distâncias atemporais, causa um grande impacto nas pessoas que nele vivem, pois são separações impiedosas e têm efeitos psicológicos mais profundos do que nunca, polarizando as pessoas. E então os espaços urbanos onde as pessoas de diversas áreas residenciais podiam se encontrar, estão rapidamente diminuindo em número e tamanho, e desta forma:

As elites escolheram o isolamento e pagaram por ele prodigamente e de *boa vontade*. O resto da população se vê afastado e *forçado* a pagar o pesado preço cultural, psicológico e político do seu novo isolamento (BAUMAN, 1999, p. 24).

Desta forma, podemos dizer que estes arranjos contemporâneos do poder é uma nova e melhorada versão das técnicas panópticas de Foucault, em que o poder panóptico encontra-se na tecnologia, e nós, os vigiados, fornecemos os dados a vigiar. O Panóptico de Foucault tinha como principal propósito provocar a disciplina e impor um padrão uniforme de comportamento dos internos (BAUMAN, 1999). E hoje, qual é o principal propósito desta nova versão do Panóptico?

Segundo Bauman (2001), vivemos a mudança da Modernidade Sólida para a Modernidade Líquida. A modernidade sólida tinha como característica o “derretimento dos sólidos”, em que aquele sólido “defeituoso” era derretido e substituído por melhores, até alcançar a perfeição. Na modernidade líquida, os sólidos são substituídos pelos fluídos ou líquidos, ou seja, são elementos que sofrem constantes mudanças quando submetidos a uma determinada tensão. Assim, a individualidade, o tempo/espaço e o trabalho tomam a característica de um líquido ou fluído.

Na sociedade atual, podemos enxergar claramente a Modernidade Líquida postulada por Bauman, em que os indivíduos, as relações de trabalho, as relações familiares, a rotina das pessoas são submetidas a tensões e tomam uma forma líquida, obrigando-se a se moldar as essas tensões constantemente. Mas o que seriam as tensões? Alta competitividade, ritmo de vida acelerado, individualidade, acesso à tecnologia, transgressão do tempo e espaço.

Este comportamento dos indivíduos na sociedade atual é também fruto da Globalização, que devido a tal interatividade, os poucos que são observados, as celebridades, “ditam” um estilo de vida, “[...] infinitamente superiores mas dando um brilhante exemplo para todos os inferiores seguirem ou sonharem em seguir; admirados e cobiçados ao mesmo tempo – uma realeza que guia, em vez de mandar” (BAUMAN, 1999, p. 53).

O poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico – e assim o tempo requerido para o movimento de seus ingredientes essenciais se reduziu à instantaneidade. Em termos práticos, o poder se tornou verdadeiramente *extraterritorial*, não mais limitado, nem mesmo desacelerado, pela resistência do espaço (o advento do telefone celular serve bem como golpe de misericórdia simbólico na dependência em relação ao espaço: o próprio acesso a um ponto telefônico não é mais necessário para que uma ordem seja dada e cumprida. Não importa mais onde está quem dá a ordem – a diferença entre o próximo e distante, ou entre o espaço selvagem e o civilizado e ordenado, está a ponto de desaparecer) (BAUMAN, 2001, p. 19).

Dessa forma, a constituição do sujeito empreendedor vem ganhando força e tornando necessário no dia a dia, aos novos sujeitos possuírem características que ajudam a sobreviver na Modernidade Líquida. Segundo Ferreira (2010), as características mais encontradas no perfil empreendedor são: necessidade de ser independente e atingir resultados, autoconfiança, responsabilidade, energia, capacidade de relacionar-se, criatividade e inovação, a não desistência apesar do fracasso e a busca pelo sucesso.

De modo geral, é possível associar o ato de empreender a uma atividade de mudança, que é estimulada pelo instinto de curiosidade e descontentamento. Essa ação é resultado da atividade humana sobre a realidade imediata, alterando sua natureza e explorando essa situação como uma oportunidade. Portanto, é possível afirmar que empreender é uma característica de todo ser humano (CANDIDO; PATRICIO, 2016, p. 13).

Quando falamos do sujeito empreendedor, não estamos falando somente do empresário e nem mesmo do intraempreendedor, estamos falando do empreendedor de si, da pessoa que empreende no seu trabalho, na sua família, na sua carreira, na sua vida, e que no seu dia a dia, assume diversos papéis para conseguir tomar uma forma líquida e se adaptar às tensões sofridas, ou seja, consiga sobreviver na Modernidade Líquida de Bauman.

Segundo Flores (2014) em sua dissertação de mestrado, pode-se compreender empreendedorismo de modo amplo, como a seguir:

Sendo assim, considero relevante dar ênfase ao termo empreendedorismo, já que este é um termo também utilizado na área de economia e de administração (sic) para se referir a negócios e investimentos empresariais e à qualificação da mão de obra de profissionais de empresas através de cursos profissionalizantes. Esse é um entendimento comum de empreendedorismo e não é a ele que me refiro. O empreendedorismo de que falo se refere ao sujeito e aos investimentos em si mesmo por meio de sua educação, entendida em sentido amplo, envolvendo a cultura, a sociedade e também a escola (FLORES, 2014, p. 20).

O Empreendedorismo de negócios é uma pequena parcela do empreendedor. Podemos também considerar este como o sujeito que vive na sociedade de consumo, conforme Flores (2014)

Este empreendedorismo é retratado no artigo através dos chamados “acumuladores de sensações” sobre os quais Bauman discute, e os “coleccionadores às avessas”, trabalhados por Sarlo, conforme apontam os autores do artigo. Tais figuras, trazidas nas linhas do trabalho pesquisado, representam o sujeito consumidor, o sujeito de desejo, com desejo de consumo, que trabalho nesta dissertação como “sujeitos empreendedores de si” (FLORES, 2014, p. 21).

Assim, enquanto forma líquida, devemos ser empreendedores de si, ou seja, devemos investir em nosso desenvolvimento, para conseguirmos ser competitivos e “dar conta” das

transgressões de tempo e espaço e do ritmo acelerado do dia a dia. Ao mesmo passo, devemos incluir no nosso desenvolvimento a disseminação da cultura do empreendedorismo. Segundo Flores (2014), somos sujeitos que vêm sendo constituídos dentro de uma sociedade do consumo, da aceleração do tempo, da busca por rendimentos maiores em tempos menores.

Digo, pois, que os sujeitos dessa sociedade capitalista, dessa atual sociedade de consumo, estão em uma busca constante de aperfeiçoamento, de maior performance, ou seja, quanto mais buscar, mais terá, mais saberá, mais vai querer ter, saber, buscar, desejar a cada dia. E não falo nesse “ter” remetendo-me a bens materiais, o que também pode ser, mas falo neste “ter” com o foco em imaterialidades, ter mais conhecimento, informação, atualização, criatividade, capacidade de inovar, de ser mais ágil, eficaz e eficiente no menor tempo possível (FLORES, 2014, p. 52).

Portanto, a partir desta perspectiva, o desenvolvimento da cultura empreendedora deve estar em todos os âmbitos da formação do indivíduo: na casa, na escola, na faculdade, no trabalho. Desse modo, esta pesquisa visa tematizar o empreendedorismo enquanto disciplina na universidade.

2 FOUCAULT - REGIMES DE VERDADE, RELAÇÕES DE PODER E SABER E GOVERNAMENTALIDADE

Este capítulo tem como proposta apresentar brevemente as três fases da obra do pensador Foucault, trazendo, mais detalhadamente, os conceitos de regimes de verdade, poder, saber e governamentalidade, baseados na obra *Microfísica do Poder*, e também nos críticos Veiga-Neto e Judith Revel, a fim de situar o leitor.

2.1 RELAÇÕES DE PODER-SABER

Os estudos Foucaultianos possuem três fases, tendo como foco a constituição do sujeito e visam discutir os seguintes aspectos, o que somos nós, como chegamos a ser o que somos e contestar aquilo que somos². Por sua vez, segundo Veiga-Neto (2011), pode-se pensar os estudos foucaultianos em três domínios: do ser-saber, do ser-poder e do ser-consigo. Considerando as várias possibilidades de encarar a obra de Foucault, tomaremos como referência os três domínios levantados por Veiga-Neto, sendo que, para este trabalho, nos interessa particularmente o segundo domínio, do ser-poder, atrelado ao conceito de governamentalidade, como se pretende desenvolver nesta parte.

Começaremos discutindo, brevemente, a 1ª fase: Ser-saber. Para Foucault (*apud* VEIGA-NETO, 2011), a percepção e o conhecimento são “modos” de saber. Para ele, o sujeito é uma construção da modernidade e, ao produzir saber ele é produzido, somos sujeitos de conhecimento e assujeitados ao conhecimento ao mesmo tempo.

Dentre seus estudos, Michel Foucault nos fez conhecer as relações de poder e saber, o segundo domínio postulado por Veiga-Neto, do ser-poder. Foucault entende que o poder e o saber estão interligados, e que somos sujeitos do saber e do poder. “Ao estudar as articulações entre poder e saber, Foucault descobriu que os saberes se engendram e se organizam para “atender” a uma vontade de poder” (VEIGA-NETO, 2011, p. 117). As relações de poder são condições de construção de saberes, que são disseminadas por toda a estrutura social.

E, para Foucault, essas forças, que ele chama de poder, atuam no que de mais concreto e material temos – nossos corpos. Afastando-se das discussões sobre gênese das ciências – de que havia se ocupado na arqueologia – o filósofo se volta, então, para a análise minuciosa e microscópica do poder, onde esse se manifesta, por isso, ele nos fala

² Conforme apresentado na aula pelos professores Marcia Aparecida Amador Mascia e Carlos Roberto da Silveira, na disciplina Educação, Regimes de Verdade e Liberdade, ministrada no 1º semestre de 2016, no curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Universidade São Francisco.

de um micropoder, de um poder molecular, que se distribui capilarmente” (VEIGA-NETO, 2011, p. 118).

O poder se manifesta nas microrrelações, por isso, não tem o sentido de violência, mas sim, o sentido de construção de saberes e, desta forma, é denominado de micropoder.

O efeito desse micropoder é a ‘produção de almas, produção de ideias, de saber, de moral.’ E é justamente essa produção de almas, ideias, saber e moral que, para Foucault, estabelece uma diferença radical entre *poder* e *violência* (VEIGA-NETO, 2011, p. 118, grifo do autor).

Mas o poder não está em algum centro, ele está disseminado por toda a estrutura social. Neste sentido, Foucault traz o conceito de microfísica do poder, ou seja, o sujeito é constituído a partir das forças existentes nas microrrelações. Segundo Veiga-Neto (2011, p. 61), as forças

[...] não estão nas mãos de alguns atores ou de algum grupo que as exerçam sobre os outros. Elas são colocadas em movimento como resultado de arranjos políticos ocultos; elas se emanam de algum centro[...] tais forças estão distribuídas difusamente por todo o tecido social.

De acordo com Foucault, os sujeitos são docilizados, tornam-se sujeitos dóceis, a partir do poder. O poder torna o sujeito produtivo e não revoltado contra o sistema. Se a sociedade molda o sujeito, podemos dizer que o poder está na sociedade.

2.2 REGIMES DE VERDADE

Em sua 2ª fase, Foucault traz o conceito de Regimes de Verdade, em que ele defende que a verdade não existe, e sim regimes de verdade, que vão aparecendo e desaparecendo. O momento histórico e a cultura determinam quais são os regimes de verdade, e o indivíduo tem a liberdade de escolher qual é o regime de verdade que o rege.

O filósofo usa saberes no sentido de teorias sistemáticas, que se manifestam por meio de discursos científicos tidos por verdadeiros, positivos, e, por isso, aceitos e tomados em toda a sua positividade. Resumindo e simplificando: percepção e conhecimento são “modos” de saber (VEIGA-NETO, 2011, p. 44).

A partir disso, podemos trazer o conceito de Liberdade para Foucault, que é a possibilidade de mudar as práticas em que somos constituídos como sujeitos morais.

Assim, a liberdade deixa de ser tanto um ideal de vida a ser vivida num tempo de maioria humana e num locus utópico e privilegiado – a suposta vida a que se chegaria pelo caminho da boa racionalidade - quanto um estado de vida presente em que um conjunto de obrigações mútuas de agentes racionais (VEIGA-NETO, 2011, p. 27)

O momento histórico em que estamos vivendo e a nossa cultura estabelecem um determinado Regime de Verdade, que rege a constituição do sujeito com características parecidas com a do empreendedor, por exemplo, citando o tema desta pesquisa. Esse sujeito empreendedor, como podemos chamar, é moldado de acordo com a sociedade. Talvez daqui a 10 anos esse Regime de Verdade desapareça, pois a característica da sociedade se transforma. Cada sociedade constrói o sujeito para que ela possa continuar a existir, segundo Foucault (1978).

2.3 A GOVERNAMENTALIDADE

Para controle de poder da população, o pensador traz a ideia de governamentalidade, que são dispositivos que dão as “regras” de como agir e se comportar. Para falar sobre o assunto, vamos fazer uma reflexão sobre a arte de governar.

A temática governo nasce na Idade Média ou na Antiguidade Greco-Romana, em que o príncipe recebia conselhos sobre o modo de se comportar, de exercer o poder, de ser aceito e respeitado pelos súditos.

Segundo Foucault (1978/2004), a partir do séc XVI, começa a surgir o conceito da arte de governar, pela convergência de dois movimentos: a instauração de grandes Estados territoriais, administrativos, coloniais, e a Reforma e Contra-Reforma que questiona o modo de dispersão e dissidência religiosa. Estes dois movimentos trazem aos príncipes o problema do governo do Estado: como se governar, como ser governado, como ser o melhor governante, para quem, até que ponto, com qual objetivo. Pode-se dizer que a arte de governar, “proposta por Foucault”, se desenvolveu ao longo dos séc XVI e se concretizou no séc XVIII.

Esquemáticamente, se poderia dizer que a arte de governar encontra, no final do séc XVI e início do séc XVII, uma primeira forma de cristalização, ao se organizar em torno do tema de uma razão do Estado. [...] o Estado se governa segundo as regras racionais que lhe são próprias, que não se deduzem nem das leis naturais ou divinas, nem dos preceitos da sabedoria ou da prudência; o Estado, como a natureza, tem sua racionalidade própria, ainda que de outro tipo (FOUCAULT, 1978/2004, p. 168).

Porém, esta arte de governo sofreu barreiras ao longo do séc XVII até o início do séc XVIII, pois a soberania se caracterizava por uma instituição fundamental, e o exercício do governo foi pensado como exercício de soberania. Além disso, a arte de governar não pode se apoiar na ideia de economia, que ainda estava associada à família e à casa. “Com o Estado e o soberano de um lado, com o pai de família e sua casa do outro, a arte de governo não podia encontrar sua dimensão própria” (FOUCAULT, 1978/2004, p. 169).

O desbloqueio da arte de governar se deu no séc XVIII na emergência do problema da população, em que há a centralização da economia em outra coisa senão a família. Segundo Foucault (1978/2004), a arte de governar só era pensada a partir do modelo família, ou seja, economia entendida como gestão familiar. Assim que a família passou para um 2º plano em relação à população, ou seja, passou a ser um elemento interno à população, a família deixa de ser modelo e sim elemento, instrumento do governo.

Outro detalhe importante explicitado por Foucault (1978/2004) refere-se ao objetivo final do governo que passa a ser a família, ou seja, a arte de governar tem o objetivo de melhorar a sorte da população, a sua riqueza, sua duração de vida, sua saúde, sua educação etc.

Em suma, a passagem de uma arte de governo para uma ciência política, de um regime dominado pela estrutura de soberania para um regime dominado pelas técnicas de governo, ocorre no século XVIII em torno da população e, por conseguinte, em torno do nascimento da economia política (FOUCAULT, 1978/2004, p. 170).

Mas o que seria a arte de governar? Para explicar a arte de governar Foucault (1978/2004) traz uma reflexão, contrapondo Maquiavel e La Perrière. Maquiavel, em “O Príncipe”, caracteriza o governo por um princípio, em que o príncipe recebe seu principado como herança, por aquisição, por conquista, o que gera uma relação frágil e violenta. A arte de governar do príncipe está focada em como manter, reforçar e proteger seu principado, para que ele não seja tomado pelos súditos.

La Perrière caracteriza o governo de forma diferente encontrada em Maquiavel. O estudioso traz no conceito da arte de governar o governo das coisas, e não o governo de território de Maquiavel. Mas o que seriam essas coisas? Essas coisas vão muito além de um território, e sim envolvem o homem e suas relações: relações com suas riquezas, recursos, meios de subsistência, território, clima, seca, fertilidade, costumes, hábitos, as formas de agir ou de pensar, acidentes, desgraças etc.

La Perrière, em suas tentativas de definir governo, traz outras finalidades: “O governo é definido como uma maneira correta de dispor as coisas para conduzi-las, não ao bem comum, como diziam os textos dos juristas, mas a um objetivo adequado a cada uma das coisas.” (FOUCAULT, 1978/2004, p. 167). Então vamos tentar entender o que La Perrière quis dizer na voz de Foucault (1978/2004). O dispor as coisas não quer dizer impor leis, mas sim táticas, instrumentos, em forma de lei, para alcançar finalidades específicas que são o próprio objetivo do governo. Ou seja, as finalidades só podem ser alcançadas a medida que o governo

disponha de coisas, forneça às pessoas subsistência suficiente. Esse olhar se opõe à soberania, em que a finalidade só seria atingida mediante à obediência da lei. Lei e soberania estavam extremamente ligadas.

Segundo Foucault (1978/2004), La Perrière ainda diz que o governante deve ter paciência, soberania e inteligência. Desta forma, o governante não tem a necessidade de violência para exercer seu governo, e sim paciência e, para isso deve praticar a sabedoria e a diligência.

Sabedoria: não, como para a tradição, com conhecimento das leis humanas e divinas, da justiça ou da equidade, mas o conhecimento das coisas, dos objetivos que deve procurar atingir e da disposição para atingi-los; é este conhecimento que constituirá a sabedoria do soberano. Diligência: aquilo que faz com que o governante só deva governar na medida em que se considere e aja como se estivesse ao serviço dos governados. (FOUCAULT, 1978/2004, p.167).

Assim, a arte de governar implica em três formas de governo: governo de si (que diz respeito à moral), governo da família (que diz respeito à economia) e a ciência de governar um Estado (que diz respeito à política). Estas três formas de governo estabelecem uma continuidade, ascendente e descendente.

Continuidade ascendente no sentido em que aquele que quer poder governar o Estado deve primeiro saber se governar, governar sua família, seus bens, seu patrimônio. [...] Continuidade descendente no sentido em que, quando o Estado é bem governado, os pais de família sabem como governar suas famílias, seus bens, seu patrimônio e por sua vez os indivíduos se comportam como devem. [...] A pedagogia do príncipe assegura a continuidade ascendente da forma de governo; a polícia, a continuidade descendente. E nos dois casos o elemento central desta continuidade é o governo da família, que se chama de economia (FOUCAULT, 1978/2004, p. 165).

Segundo Foucault, desde o século XVIII vivemos a governamentalidade, e a arte de governar caracterizada por La Perrière é a que se aproxima da governamentalidade. Para Foucault, governamentalidade representa:

1 – o conjunto de dispositivos de segurança, como análises e reflexões, cálculos e táticas, que permitem exercer uma forma de poder, cujo alvo é a população, por forma principal de saber a economia política.

2 – Esta forma de governo levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes, de doenças, morte, vida, educação etc.

3 – O Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi aos poucos sendo governamentalizado.

A questão da governamentalidade aparece no momento em que “Governar um Estado significará portanto estabelecer a economia ao nível geral do Estado, isto é, ter em relação aos habitantes, às riquezas, aos comportamentos individuais e coletivos, uma forma de vigilância, de controle tão atenta quanto ao pai de família” (FOUCAULT, 1978/2004, p. 165).

Passando pela ideia de que a arte de governar tem como foco a economia, e a economia desse mundo moderno, tecnológico e globalizado procura moldar um sujeito de autogestão, proativo, resiliente, com capacidade de transformar os problemas em soluções, bom *networking*, podemos dizer que uma parte dos sujeitos pertencentes à sociedade atual podem desenvolver estas características, que se bem analisadas, se confundem com a figura do empreendedor.

2.4 TÉCNICAS DE SI

Mas o que fazer com o poder exercido sobre nós? Como prolongamento da ideia de governamentalidade, no início dos anos 80 Foucault insere em seu vocabulário o conceito do cuidado de si (REVEL, 2005). De acordo com Foucault a liberdade é fruto do cuidado de si é uma experiência étnico-política na qual o indivíduo é autor da sua própria verdade.

As práticas de si, ou cuidado de si, eram compostas por técnicas de si que tinham como principal utilidade a transformação do sujeito em seu modo de ser. Essa transformação da existência passava por variados processos de relacionamento no meio social, utilizando um conjunto de técnicas que não propriamente pertenciam ao meio filosófico, mas que, somados a princípios filosóficos, construíam um conjunto de valores de vida pertencentes ao conjunto cultural de cada época (BARROS II, 2012, p. 4).

Segundo Barros II (2012), o cuidado de si é composto por técnicas e experiências elaboradas pelo sujeito que o ajudam na crítica durante a construção da sua subjetividade. As técnicas de si têm como objetivo a transformação do sujeito em seu modo de ser, o qual se relaciona com o seu meio social.

As técnicas de si, entendidas como práticas diversas de subjetivação e constituição de si, aparecem ao longo da história do Ocidente e são marcantes na constituição da subjetividade. Ao estarem presentes em diversos campos do conhecimento ao longo de séculos, mostram que elas não estão limitadas ao campo filosófico (FOUCAULT, 2001b; 2009). Por isso, mais do que um conceito, são formas de atividade (BARROS II, 2012, p. 4).

Vivemos em uma sociedade neoliberal que objetiva um sujeito empreendedor de si, capaz de assumir diversas posições de sujeito, que necessita desenvolver diversas habilidades e competências e que investe em si. As práticas diversas de subjetivação e constituição de si

estão relacionadas “aos investimentos que ele mesmo deseja fazer em si próprio por estar submetido a uma determinada forma de governo” (FLORES, 2014, p. 20).

O relacionamento do sujeito atual com o meio social o levam à subjetivação de um sujeito de desejo, sujeito de consumo, que está em constante busca de maior produtividade em menor tempo. E quando falo em produtividade me refiro à eficiência, ao cumprimento de várias funções em “apenas” 24 horas no dia.

Estamos vivendo uma época em que aceleramos cada vez mais a correria do dia-a-dia na busca do inalcançável e exercemos livremente as sensações de insatisfação, de ansiedade, de incompletude, de insegurança, em um tempo em que estamos imersos num mundo pleno de flexibilidade, competitividade e incerteza. [...] Nesta época torna-se cada vez mais comum conviver com pessoas das mais diversas idades, que atuam em diferentes áreas, mas que possuem algo em comum: estão insatisfeitas e sentem-se culpadas. Somos acometidos pela imposição de desejar incessantemente o novo e, ao mesmo tempo, temos neste desejo a sensação de que na escolha e na opção sumariamente individual reside uma forma de viver a liberdade plena (SOMMER; SCHMIDT, 2010, p. 10).

Segundo Flores (2014), a formação do empreendedor de si inicia na escola, que usa como estratégia de governamento a competição a qual garante a inclusão de todos no jogo do mercado, ou seja, desde a escola, o sujeito está passando por um processo de subjetivação em que compete com outros o seu espaço no mercado, e vence aquele que consegue produzir melhor e mais em um menor espaço de tempo. Para produzir mais, o sujeito deve ter mais conhecimento, mais criatividade, deve saber inovar e ser mais atualizado, ou seja, deve investir em si mesmo para acumular Capital Humano. Mas a escola e a sociedade não são as grandes responsáveis pelo processo de subjetivação do empreendedor de si. O sujeito é responsável por ele mesmo, por seu sucesso e por seu fracasso.

[...] sujeitos empreendedores de si são sujeitos que se responsabilizam pelos seus atos, pelos seus investimentos neles mesmos, em capital humano, logo, pelo seu sucesso ou fracasso. Sujeitos empreendedores de si seriam então sujeitos responsáveis por si mesmos, que não atribuem as culpas de seu sucesso ou o oposto a terceiros, mas a si próprios (FLORES, 2012, p. 26).

Assim podemos dizer que estamos diante de uma sociedade neoliberal que objetiva um sujeito de consumo, mas não somente o consumo material, mas também o consumo de conhecimento, de habilidade, de capital humano. O indivíduo que constrói sua subjetividade frente a esse governamento da sociedade neoliberal, pode-se dizer um indivíduo empreendedor de si.

Quando analisamos o discurso de empreendedorismo à luz do neoliberalismo, podemos entendê-lo como uma formação ideológica, que está presente no discurso de constituição do

sujeito contemporâneo, fruto de processos históricos-sociais. Segundo Costa (2009), alguns valores econômicos que foram disseminados socialmente instituíram processos e políticas de subjetivação que vem transformando os sujeitos em indivíduos-microempresas, ou seja, empreendedores. O neoliberalismo deslocou o objeto de análise focando as relações sociais, as sociabilidades, os comportamentos dos indivíduos, e assim, com base na Teoria do Capital Humano, a unidade de base da sociedade passa a ser o indivíduo-microempresa. Desta forma, no novo espírito capitalista, o conhecimento e as habilidades deste indivíduo passam a ser investimento. “[...] a capacitação e a formação educacional e profissional dos indivíduos aparece aqui como elemento estratégico a ser investido por essa nova modalidade de governamentalidade” (COSTA, 2009, p. 177).

A governamentalidade neoliberal, como é chamada por Costa (2009), programa e controla os indivíduos quanto a sua forma de agir, de sentir, de pensar e de situar-se diante de si mesmos, da vida e do mundo, por meio de processos e políticas de subjetivação.

Assim, para Foucault, sem que se desconsidere o fato de que aquilo que, antes, os indivíduos tomavam como despesas, como custos, tenha se convertido em investimento, no limite, o que está em jogo nessa forma de governamentalidade neoliberal norte-americana é a pretensão de transmutar os indivíduos em sujeitos-microempresas e de comercializar todas as relações humanas, a qualquer hora e em qualquer lugar, mediante sua inscrição em relações de tipo *concorrencial* (COSTA, 2009, p. 179, grifo do autor).

A educação está em busca de fazer indivíduos-microempresas verdadeiros empreendedores, que são caracterizados como pró-ativos, inovadores, flexíveis, com senso de oportunidade etc, inserindo em seus currículos a disseminação da cultura empreendedora (COSTA, 2009). Desta forma, vivemos em um momento em que o investimento em conhecimento e habilidades torna-se fator competitivo e não estamos mais sujeitos aos regimes do “patrão”, devemos acumular Capital Humano, ser empreendedores e sócios de nós mesmos.

No próximo capítulo, discutiremos a respeito de alguns dos principais conceitos da Análise de Discurso da linha francesa, que tomaremos como base para a análise desta pesquisa.

3 ANÁLISE DO DISCURSO

Este capítulo tem como proposta apresentar alguns dos principais conceitos da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), a partir de autores como Pêcheux, na interface com Foucault e seus críticos.

3.1 FASES E CONCEITO

A Análise do Discurso, iniciada na França com Michel Pêcheux, passou por três fases, que gradativamente foi abandonando a posição estruturalista. A primeira fase da AD foi caracterizada pela análise automática do discurso, em que se supunha discursos homogêneos. Porém, contou com vários aspectos positivos: uma análise que não ficasse presa à ilusão do sujeito de ser a origem do sentido; o não entendimento da linguagem como instrumento da comunicação; o fato de um discurso remeter a um ou a vários discursos; articulação do linguístico com o histórico-social. Nesta fase, o sujeito é visto como produtor do discurso, mas pressupunha-se a homogeneidade enunciativa.

Esta perspectiva foi abandonada posteriormente, e uma nova postura metodológica aparece o que permitiu o enfoque sobre o acontecimento e não mais sobre a estrutura; Pêcheux entendeu a constituição do discurso a partir do entrecruzamento do acontecimento e da estrutura; sua visão teórica permitiu a percepção de lugares enunciativos no decorrer do discurso (GRIGOLETTO, 2002).

A segunda fase da AD é focada nos processos discursivos, em que a noção de formação discursiva e interdiscurso são introduzidas e a máquina discursiva estrutural começa a ser destruída. Mas é somente na terceira fase da AD que essa máquina estrutural discursiva é desconstruída, com o aprofundamento do interdiscurso (GRIGOLETTO, 2002).

Desde o início a AD no Brasil foi acusada de não dar importância à língua, até mesmo porque ela não trabalha com a língua da Linguística, e sim com a língua do dito e não dito. Assim, a AD ganhou força nas ciências humanas. Inicialmente, a Análise do Discurso era focada nos discursos políticos, e hoje há um leque maior de material que está sendo analisado. A AD faz interface com a Filosofia e as Ciências Sociais, desta forma, na perspectiva discursiva, a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história (FERREIRA, 2005b).

Do campo verbal ao não-verbal, passando pelos temas sociais (imigração, movimento sem terra, greves) e por diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano), ou por questões estritamente teóricas (hiperlíngua, autoria, sujeito do discurso, equivocidade da língua), a Análise do Discurso no Brasil ou Escola Brasileira de Análise de Discurso, como nos propõe Eni Orlandi (2002, p.37), amadureceu, se consolidou e garantiu seu lugar no âmbito dos estudos da linguagem realizados pelas ciências humanas (FERREIRA, 2005b, p. 45).

Primeiro é necessário entendermos que o discurso da Análise do Discurso não é aquele que observamos nos pronunciamentos políticos, e sim uma exterioridade da língua, que necessita de vários elementos linguísticos para a sua existência e está tomado de aspectos sociais e ideológicos.

Analisar um discurso não é analisar um texto, é referenciá-lo a outros discursos, interpretar o enunciado dos sujeitos em determinados contextos. Para o filósofo Foucault, analisar o discurso é tentar não somente interpretar o que há “por trás” do que foi dito, mas sim tentar explorar levando em conta o contexto de produção, o momento histórico e político. “Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos” (FISCHER, 2001, p. 199).

O não dito, o que há “por trás” do dito pode ser trabalhado de duas maneiras: na reflexão do não dizer e no silêncio. Na reflexão do não dizer separa-se a linguagem do contexto. Na linguagem tem-se o pressuposto e o que se dá no contexto é o sub-entendido. O sub-entendido não é expresso e depende do contexto. Podemos verificar no exemplo proposto por Orlandi (2015, p.29-29):

Época de eleição num campos universitário. Logo na entrada, vê-se uma grande faixa preta com o seguinte enunciado em largas letras brancas ‘vote sem medo’, seguida de uma explicação sobre o fato de que os votos não seriam identificados.

Segundo a autora, ao analisar a faixa preta, do ponto de vista da cromatografia política, remete ao fascismo. Também as palavras “sem medo” trazem dois efeitos: suspeita de que algum candidato estaria ameaçando e a sugestão de um perigo, ameaça. Outro efeito de sentido é que as duas entidades que assinam a faixa tomam posição contra algum dos candidatos que elas supõem que façam ameaça, assim deixam de ser neutras.

Ainda segundo Orlandi (2015), se essa faixa fosse de cor branca, com a escrita em vermelho “vote com coragem”, poderia produzir outros efeitos de sentido. A cor vermelha remete historicamente a posições revolucionárias, transformadoras, e o fundo branco faz apelo à vida, ao futuro, à disposição de luta.

Contraopondo agora as duas faixas, podemos ver (ler) suas diferentes filiações de sentidos remetendo-as a memórias e a circunstâncias que mostram que os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos (ORLANDI, 2015, p. 30).

Os dizeres são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas. Segundo Orlandi (2015), o interdiscurso, a ideologia e a formação discursiva fazem encampar o não dito. No dizer há sempre um não dizer necessário.

Quando se diz “x”, o não dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de x”. Isto é, uma formação discursiva pressupõe a outra [...]. Além disso, o que já foi dito mas já foi esquecido tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. Em outras palavras, o interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva (ORLANDI, 2015, p. 82-83).

O silêncio é uma outra forma de se trabalhar o não-dito na análise do discurso. O silêncio pode ser fundador ou silenciamento ou política do silêncio. O silêncio fundador indica que o sentido pode ser sempre outro. O silenciamento ou política do silêncio podem ser palavras que apagam outras ou as censuram. A censura, pelas relações de poder da sociedade, indica o que pode ser dito no momento, lugar, na conjuntura atual ou pela posição de sujeito que o enunciador ocupa. Então, ao fazer a Análise de Discurso, deve ser observado o que há “por trás” do dito levando em consideração a reflexão do não dizer e o silêncio, o que pode e não pode ser dito.

3.2 FORMAÇÃO DISCURSIVA

A Análise do Discurso possui quatro pilares: a referência a algo que identificamos; o fato de ter um sujeito; o fato do enunciado não existir isolado; a materialidade do enunciado. O fato de ter um sujeito é um dos principais pilares da AD, pois não existe discurso sem sujeito e vice-versa. O sujeito não existe, e sim posições de sujeito, que são efeitos do discurso, e estabelecem o que e como deve ser dito.

Posição de sujeito é o resultado da relação que se estabelece entre o sujeito do discurso e a **forma-sujeito** de uma dada **formação discursiva**. Uma posição-sujeito não é uma realidade física, mas um objeto imaginário, representando no processo discursivo os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma **formação social**. Deste modo, não há um **sujeito** único mas diversas posições-sujeito, as quais estão relacionadas com determinadas formações discursivas e ideológicas (FERREIRA, 2005a, p. 20)

Fazer a AD, para Pêcheux, é levantar os efeitos de sentido, à luz das condições de produção, e mostrar como estes efeitos se materializam linguisticamente. Para Foucault, por

sua vez, o discurso não é materialidade, mas condições de produção, ou seja, conjunto de regras anônimas que estabelecem o que poder ser dito em uma formação discursiva.

Formação discursiva: refere-se ao que pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica (FERREIRA, 2005a, p. 20).

A formação discursiva apareceu na segunda fase da Análise do Discurso, possibilitando a compreensão de o discurso apresentar-se sempre heterogêneo, ou seja, o discurso muda de sentido de acordo com as posições que os sujeitos tomam.

Segundo Orlandi (2015) A formação discursiva permite a compreensão do processo de produção de sentidos e a sua relação com a ideologia. O sentido é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições de sujeito daqueles que as empregam.

As condições de produção compreendem os sujeitos e a situação, sendo que a memória interfere nas condições de produção fazendo parte da formação do discurso. Segundo Orlandi (2015), o contexto imediato corresponde às circunstâncias da enunciação e as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico-ideológico.

As palavras mudam o sentido segundo as posições que os sujeitos ocupam. Desta forma, para a Análise de Discurso é de extrema importância entender a formação discursiva, para compreender como se dá o discurso, o processo de produção dos sentidos e sua relação com a ideologia.

Tomemos como exemplo, conforme Fernandes (2005), os enunciados *invasão* e *ocupação*, no contexto Histórico do movimento dos trabalhadores rurais Sem-Terra. Neste contexto, temos dois lados: dos sujeitos que apoiam o movimento e dos sujeitos que combatem o movimento. Assim ocorre a formação de diversos discursos. O enunciado *ocupação* faz parte de uma formação discursiva que envolve sujeitos de facções religiosas, de partidos políticos de caráter esquerdista, trabalhadores de origem rural, entre outros. Desta forma, entendemos que a formação discursiva dada caracteriza-se pela defesa/aceitação do Sem-Terra. Por sua vez, o enunciado *invasão* remete aos ruralistas, donos das terras.

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 2015, p.43).

A formação discursiva não é homogênea, ou seja, possui, em seu interior, diferentes discursos, chamados de Interdiscurso, que é o entrelaçamento de diferentes lugares discursivos. “Consoante com Foucault (1995), todo discurso é marcado por enunciados que o antecedem e o sucedem, integrantes de outros discursos” (FERNANDES, 2005, p. 17). A memória, por exemplo, pode ser tratada como interdiscurso. O interdiscurso afeta o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. Segundo Fernandes (2005, p. 38), “um mesmo tema, ao ser colocado em evidência, é objeto de conflitos, de tensão, face às diferentes posições ocupadas por sujeitos que se opõem, contentam-se”

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa em ‘nossas’ palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele (ORLANDI, 2015, p. 32).

Desta forma, ao fazer a análise de discurso, não cabe perguntar ao sujeito o que ele quis dizer com aquilo, pois, segundo Orlandi (2015), o sujeito não sabe o suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentes.

3.3 INTERDISCURSO E IDEOLOGIA

Na primeira fase da Análise do Discurso, Pêcheux já subentendia que o discurso era atravessado pelo “não-dito”, mas somente na segunda fase, a partir do entendimento de formação discursiva, que a definição de interdiscurso apareceu.

Interdiscurso compreende o conjunto das formações discursivas e se inscreve no nível da constituição do discurso, na medida em que trabalha com a resignificação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva. O interdiscurso determina materialmente o efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como o puro “já-dito” (FERRREIRA, 2005a, p. 17).

Ou seja, um discurso está atravessado por vários outros discursos, pertencentes a vários outros momentos históricos e vários outros lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva. A partir do refinamento da noção de interdiscurso, o sujeito da AD torna-se um sujeito atravessado pelo inconsciente, ou seja, o interdiscurso liga os processos discursivos com a memória. A AD vai em busca do sujeito até então descartado, que é descentrado, afetado pela ferida narcisista, o sujeito assujeitado (ORLANDI, 2015).

Diante disso, podemos atestar que toda formação discursiva apresenta, em seu interior, a presença de diferentes discursos, ao que, na Análise do Discurso, denomina-se interdiscurso. Trata-se, conforme assinalamos, de uma interdiscursividade caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais (FERNANDES, 2005, p.49).

Assim, quando falamos de análise do discurso não podemos deixar de relacionar o sujeito e a ideologia. A ideologia está presente no discurso pelo fato de que não há sentido sem interpretação, a ideologia é inerente ao discurso. Então, a ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos, ou seja, as condições ideológicas dos sujeitos dão sentido as suas palavras, marcam as posições de sujeito, dos grupos sociais que ocupam. “O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2015, p. 46). Para Ferreira (2005a, p. 17):

Ideologia é o elemento determinante do sentido que está presente no interior do discurso e que, ao mesmo tempo, se reflete na exterioridade, a ideologia não é algo exterior ao discurso, mas sim constitutiva da prática discursiva. Entendida como efeito da relação entre sujeito e linguagem, a ideologia não é consciente, mas está presente em toda manifestação do sujeito, permitindo sua identificação com a formação discursiva que o domina. Tanto a crença do sujeito de que possui o domínio de seu discurso, quanto a ilusão de que o sentido já existe como tal, são efeitos ideológicos.

A ideologia está presente no interior do discurso, constituindo o sujeito, fazendo o mesmo se identificar com a formação discursiva. Então, quando o sujeito assume posições diferentes, pode apresentar discursos diferentes, pois a sua formação discursiva forma-se a partir de sua inscrição ideológica. Segundo Fernandes (2005, p. 25):

Se na exterioridade do linguístico, no social, há posições divergentes que se contrastam, nota-se a coexistência de diferentes discursos concomitantes, isto implica diferenças quanto à inscrição ideológica dos sujeitos e grupos sociais em uma mesma sociedade, daí os conflitos, as contradições, pois o sujeito, ao mostrar-se, inscreve-se em um espaço socioideológico e não em outros, enuncia a partir de sua inscrição ideológica; de sua voz, emanam discursos, cujas existências encontram-se na exterioridade das estruturas linguísticas enunciadas. Porém, o social e o ideológico que possibilitam falar em discursos, assim como o discurso, têm existência na História. Os discursos devem ser pensados em seus processos histórico-sociais de constituição. (

A constituição do discurso está relacionada com os processos histórico-sociais em que o sujeito foi constituído. Assim, o discurso é interpelado pelo social e pelo ideológico, fazendo-se presente na História. O que pode ser dito e não dito, em cada formação discursiva, depende daquilo que é ideologicamente formulável no espaço do interdiscurso.

3.4 SUJEITO E SUA FORMA HISTÓRICA

A forma sujeito que encontramos na sociedade moderna chamamos de sujeito-do-direito ou sujeito jurídico, ou seja, aquele que ao mesmo tempo é livre e submisso, mas determina o que diz, contanto que se assujeite, se submeta à língua para sabê-la. Mas nem sempre foi assim.

A Idade Média nos apresentou a forma-sujeito-religioso, aquele que se assujeitava, de forma explícita, ao discurso religioso. Com as transformações da sociedade surge a forma-sujeito jurídico, sujeito-de-direito, que é dono de si mesmo, com vontade e responsabilidade. Mas a subordinação, mesmo menos explícita, ainda existe, mas agora o discurso religioso dá lugar aos direitos e deveres. Esta subordinação implícita traz a ideia de liberdade. O sujeito-de-direito é resultado do assujeitamento à sociedade moderna, capitalista (ORLANDI, 2015).

Desta forma, entendemos que o sujeito é produto histórico, ou seja, as diferentes formas-sujeito vão se formando a partir dos efeitos do discurso, determinados pela historicidade e pelas diferentes formas de poder.

Sujeito é o resultado da relação com a **linguagem** e a **história**, o sujeito do discurso não é totalmente livre, nem totalmente determinado por mecanismos exteriores. O sujeito é constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso (FERREIRA, 2005a, p. 21)

Assim, podemos compreender que o sujeito é uma construção da modernidade, e ao produzir saber ele é produzido, somos como sujeitos de conhecimento e como assujeitados ao conhecimento.

[...] o sujeito moderno não está na origem dos saberes; ele não é produtor de saberes mas, ao contrário, ele é um produto dos saberes. Ou, talvez melhor, o sujeito não é um produtor, mas é produzido no interior dos saberes. Foucault (*apud* VEIGA-NETO, 2011, p. 44).

Para Foucault, o sujeito não existe, existem posições sujeitos, que estabelecem como eu devo agir, falar, me comportar. Estas regras as quais os sujeitos estão submetidos a partir de sua prática, chamam-se práticas discursivas. “[...] Foucault faz uma arqueologia dos sistemas de procedimentos ordenados que têm por fim produzir, distribuir, fazer circular e regular enunciados” (VEIGA-NETO, 2011, p. 45).

Fazendo uma analogia com o tema desta pesquisa, podemos dizer que as práticas discursivas que estão no mundo contemporâneo nos instigam a ter uma postura que podemos chamar empreendedora. Se hoje vivemos em um contexto que necessita de pessoas que

sabem se autogerir, são proativas, possuem resiliência etc, podemos dizer que os sujeitos que aqui vivem são fruto deste contexto. Essas condições geradas no mundo globalizado e tecnológico dão origem a esse sujeito empreendedor. Para eu conseguir fazer todos os meus deveres, devo me assujeitar a essas condições e me (con)formar a ser um sujeito empreendedor.

Este capítulo teve como proposta apresentar alguns conceitos discursivos que nos subsidiarão na análise das falas dos sujeitos de pesquisa. Desse modo, a análise das falas dos sujeitos, à luz da teoria discursiva, visa evidenciar como os sujeitos se constroem discursivamente frente aos regimes de verdade emergentes no mundo contemporâneo, de modo especial, do empreendedorismo.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentaremos as condições de produção desta pesquisa, descrevendo a metodologia empregada para a constituição do corpus, apresentando brevemente sobre o centro universitário em que os estudantes estão matriculados, bem como os cursos de Administração e Pedagogia aqui analisados.

4.1 A COLETA DE DADOS

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizado o método qualitativo interpretativista, via Análise do Discurso de linha francesa, pelo qual foi tomado como *corpus* de pesquisa entrevistas com alunas que cursaram a Disciplina Institucional de Empreendedorismo ministrada em um dos Centros Universitários Privados de Curitiba.

Alguns autores entendem a pesquisa qualitativa como uma 'expressão genérica'. Isto significa, por um lado, que ela compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E, por outro lado, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns (TRIVIÑOS, 1987, p. 120).

Segundo Triviños (1987, p. 128) a pesquisa qualitativa possui algumas características:

- A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento-chave;
- A pesquisa qualitativa é descritiva;
- Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e produto;
- Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente;
- O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

O instrumento de pesquisa (ANEXO 1) apresenta o questionário norteador usado pela pesquisadora para a coleta das falas dos sujeitos de pesquisa. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas, que foram sendo modificadas à medida que houve a necessidade de obter algumas informações que julgamos interessantes e instigantes.

Entende-se entrevista semi-estruturada no seguinte sentido:

Podemos entender por *entrevista semi-estruturada*, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessa à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem respostas do informante. Desta maneira, o

informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p. 146, grifo do autor).

O roteiro de entrevista seguiu um objetivo comum que era identificar o olhar do estudante frente à disciplina institucional de empreendedorismo. Desta forma, houve a preocupação de primeiramente resgatar informações sobre o pesquisado enquanto estudante, sua expectativa em relação à disciplina antes de iniciá-la e seu olhar durante e após cursar a disciplina.

Antes de darmos início à entrevista, o projeto desta pesquisa junto ao instrumento (ANEXO 1), foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade São Francisco, por meio da Plataforma Brasil, em 15/09/2016 e teve sua análise e aprovação em 03/10/2016, sob o processo número CAAE 60126016.0.0000.5514.

As entrevistas tiveram aproximadamente a duração de 30 minutos e foram realizadas no primeiro semestre de 2017, e com autorização do entrevistado, foram gravadas e posteriormente transcritas à mão e depois digitalizadas para a análise de alguns excertos.

A identidade dos sujeitos entrevistados será mantida em absoluto sigilo.

4.2 A INSTITUIÇÃO E OS CURSOS ANALISADOS

O Centro Universitário Privado de Curitiba em questão tem 60 anos de história e faz parte de um Grupo Educacional com mais de 120 anos. Localizado no Centro da Cidade, possui três prédios, sendo que em dois funcionam a graduação e em um deles a pós-graduação e educação executiva, em uma unidade na região metropolitana. A inovação é a peça fundamental do projeto pedagógico da IES e, como resultado deste posicionamento, oferece 25 cursos de graduação, cerca de 30 cursos de especialização lato sensu, cinco programas de MBA, sendo um semi-internacional ou internacional, Educação Executiva, Educação a Distância e Programas *In Company*, com cursos direcionados e personalizados para empresas e executivos. Os cursos de graduação englobam as áreas de gestão, engenharias, licenciaturas, direito, psicologia, design, comunicação social, arquitetura e tecnólogos. Os cursos analisados serão os de Administração e Pedagogia.

O curso de Administração é um dos mais tradicionais deste Centro Universitário, com 46 anos de existência, e é referência na cidade de Curitiba. É ofertado nos turnos matutino e noturno e possui 4 anos de duração, divididos em 8 semestres, com formação vocacionada

para o mercado de trabalho. Hoje possui em torno de 1025 alunos, sendo a maioria do gênero masculino, entre 17 e 26 anos. A disciplina de Empreendedorismo é ofertada no 1º semestre.

O curso de Pedagogia foi iniciado em 2008, e é ofertado apenas no turno da noite. Tem duração de 8 semestres, e é focado na prática acadêmica. Foi reconhecido em 2012 com a nota máxima pelo MEC, conceito 5 no ENADE e conceito 5 no CPC. Hoje possui em torno de 155 alunos, sendo a maioria do gênero feminino, entre 19 e 25 anos. A disciplina de Empreendedorismo é ofertada no 3º semestre.

4.3 A DISCIPLINA

Devido ao avanço das discussões sobre empreendedorismo, há algumas iniciativas da inclusão da disciplina de empreendedorismo nas grades curriculares das universidades. No Centro Universitário analisado nesta pesquisa, a disciplina de empreendedorismo foi instituída em 2006, sendo que em 2009 passou a ser uma disciplina institucional. Ao longo dos anos, o conteúdo programático foi sofrendo alterações, e no ano de 2013, com a finalidade de inovação, a disciplina foi reformada e passou a utilizar como método base o *Business Model Generation*, em que os alunos têm o desafio de criar uma ideia inovadora e como avaliação final prototipar essa ideia e apresentar um *Pitch*³.

O objetivo da disciplina de empreendedorismo na IES analisada é o de fomentar a visão empreendedora, discutindo os aspectos envolvidos desde a concepção de uma ideia até a sua efetiva implementação e monitoração. Além disso, visa, também, despertar e desenvolver a capacidade empreendedora dos alunos nas diversas áreas do conhecimento do ensino superior.

A carga horária da disciplina de empreendedorismo no Centro Universitário em questão é de 72h.

O conteúdo programático da disciplina de empreendedorismo inicia com a introdução ao empreendedorismo, englobando os conceitos, o histórico, as características empreendedoras, as formas de se empreender, passando pelo estudo do empreendedorismo no Brasil e no Mundo e, então, os alunos devem criar uma ideia inovadora utilizando a metodologia do *Business Model Generation* e o *Design Thinking*. Os cursos de Administração e Pedagogia são

³ *Pitch* – *Pitch* é uma apresentação rápida, de 2 à 5 minutos, com o objetivo de vender sua ideia ou negócio. Geralmente é utilizada por Startups para apresentar o negócio para Investidores.

submetidos ao mesmo conteúdo programático, o que diferencia a disciplina de um curso para outro é a ênfase que o professor faz em sala de aula.

Como a disciplina de empreendedorismo é institucional neste Centro Universitário, possui um professor referencial que lidera um grupo de 8 professores, fazendo orientações, tirando dúvidas, promovendo capacitações e orientações conforme necessidade de cada professor. Os professores devem cumprir todo o conteúdo programático, mas são orientados a adaptarem o discurso e darem ênfase em alguns assuntos conforme perfil da turma e curso.

As turmas de empreendedorismo podem ser formadas por apenas alunos de um curso ou, com mais frequência, possuem alunos de cursos diferenciados.

4.4 OS SUJEITOS

Os sujeitos que foram informantes de dados são seis (6) alunas oficialmente matriculadas, sendo três (3) no curso de Pedagogia e três (3) no curso de Administração. Estas alunas cursaram empreendedorismo no semestre em que a disciplina foi ofertada para o curso, possuem entre 17 e 33 anos, e estão cursando a graduação na IES analisada.

Sou professora referencial da disciplina de Empreendedorismo nesta IES, ou seja, lidero o grupo de professores. E também ministro aulas de empreendedorismo e algumas alunas entrevistadas foram minhas alunas. Apesar deste cenário, a intenção desta pesquisa é investigar como estas alunas receberam a disciplina em seus respectivos cursos. Porém, pelo fato de algumas alunas cursarem o empreendedorismo ministrado por mim, senti que emergiram alguns sentidos frutos desta relação anterior, o que não pode ser descartado em uma perspectiva discursiva.

Os sujeitos foram todos do sexo feminino, porém não foi planejado. Para não expor a identidade delas, os denominamos com nomes de empreendedores de sucesso. Mas, antes de descrevermos cada sujeito, achamos interessante expor a dificuldade de marcar entrevistas com alguns alunos, fato que resultou em não completar as entrevistas no primeiro semestre de 2017. Cerca de 5 alunos marcaram as entrevistas e não compareceram, e mesmo remarcando, não tivemos um feliz resultado. Porém, as entrevistas foram retomadas no início do 2º semestre de 2017.

Sujeito 1 – denominada de Gates⁴ – A Gates foi a primeira aluna entrevistada. Possui 18 anos, cursa Administração e fez a disciplina no primeiro período do seu curso, e foi minha aluna. No momento da entrevista estava trabalhando no Núcleo de Empregabilidade como Auxiliar Administrativo no Centro Universitário foco desta pesquisa. Por este motivo, não tivemos dificuldades para marcar um horário para entrevista, e ela foi realizada no momento do intervalo de trabalho da aluna. Esta se mostrou bastante à vontade durante a entrevista e muito interessada em contribuir com a pesquisa.

Sujeito 2 – denominada de Jobs⁵ – A Jobs possui 23 anos, cursa Administração e cursou a disciplina no primeiro período. No momento da entrevista, o semestre havia acabado na semana anterior. Jobs também trabalha no Centro Universitário, como Secretária Executiva da Reitoria. Desta forma, assim que fizemos o convite para a entrevista, Jobs aceitou prontamente e no mesmo dia conseguimos realizar. Ao contrário da Gates, Jobs se demonstrou bastante nervosa durante a entrevista, sendo necessário parar a gravação em alguns momentos. Acreditamos que o nervosismo se aflorou por conta de sua timidez ou receio pelo lugar que ocupa

Sujeito 3 – denominada de Diniz⁶ – A Diniz é uma colega de turma de Jobs, e aceitou fazer a entrevista por intermédio da amiga. Possui 17 anos, não trabalha, está à procura de um estágio, participando de processos seletivos, fazendo trabalhos voluntários e deixou claro que pretende abrir seu próprio negócio. Cursa administração e também cursou a disciplina no primeiro período do curso, porém Diniz já teve aula de Empreendedorismo no Ensino Fundamental quando eu era professora do segmento, o que a deixou à vontade durante a entrevista. Não tivemos dificuldade em marcar e realizar a entrevista.

Sujeito 4 – denominada de Shiba⁷ – A Shiba possui 33 anos, cursa Pedagogia, e trabalha como Auxiliar Administrativo na Central de Coordenação do Centro Universitário pesquisado. Apesar da Shiba trabalhar no local, sua entrevista teve que ser remarcada por três vezes por conta da rotina da aluna e da minha rotina. Shiba cursou a disciplina no 3º período do curso. A entrevista foi realizada no local de trabalho em sala reservada, e a entrevistada se demonstrou

⁴ Gates – Nome inspirado em Bill Gates, empreendedor americano, fundador da Microsoft.

⁵ Jobs – Nome inspirado em Steve Jobs, empreendedor americano, fundador da Apple.

⁶ Diniz – Nome inspirado em Abílio dos Santos Diniz, empreendedor brasileiro, fundador e sócio do Grupo Pão de Açúcar.

⁷ Shiba – Nome inspirado em Robson Shiba, empreendedor brasileiro, fundador da rede de fastfood China in Box

nervosa, apesar de ter um bom relacionamento profissional comigo. Por esse motivo, é de fácil percepção que ela cuidou para não demonstrar alguns sentimentos, talvez com a preocupação de não prejudicar a sua professora de empreendedorismo, assim entendemos que o sujeito não se revela. A entrevista foi interrompida por três vezes por fatores externos, porém foi retomada sem qualquer prejuízo.

Sujeito 5 – denominada Maia⁸ – A Maia possui 26 anos, cursa Pedagogia, no momento da entrevista não estava trabalhando, mas na semana seguinte iria iniciar um estágio no TRE – Tribunal Regional Eleitoral. A aluna tem um nível de maturidade desenvolvido, sendo que Pedagogia é o segundo curso superior, o qual é seu sonho. A entrevista foi realizada no segundo semestre, e Maia cursou a disciplina no semestre anterior. Conheci a aluna no momento da entrevista, porém não houve qualquer demonstração de nervosismo ou timidez. Assim, Maia demonstrou-se bem à vontade para falar sobre a disciplina de empreendedorismo.

Sujeito 6 – denominada de Rodrigues⁹ – A Rodrigues, aluna de Pedagogia, possui 19 anos, e está no 2º período do curso. No momento na entrevista estava fazendo estágio no ensino fundamental 1, auxiliando as professoras no que fosse preciso. Conheci Rodrigues no momento da entrevista, apesar de trabalhar no mesmo Grupo Educacional do que eu. A aluna ficou bem à vontade durante a nossa conversa e não teve restrições de demonstrar seu ponto de vista. A entrevista foi realizada no segundo semestre de 2017.

⁸ Maia – Nome inspirado em Caito Maia, empreendedor brasileiro, fundador da rede de franquias Chilli Beans

⁹ Rodrigues - Nome inspirado em Romero Rodrigues, empreendedor brasileiro, fundador da BuscaPé.

5 OS EFEITOS DE SENTIDO DO EMPREENDEDORISMO QUE ATRAVESSAM OS SUJEITOS DE PESQUISA

O presente capítulo apresenta a análise do *corpus* de pesquisa, que são excertos extraídos das entrevistas realizadas com os sujeitos de pesquisa, alunas de Administração e Pedagogia, a fim de identificar os efeitos de sentido do empreendedorismo que os atravessam, bem como se estes efeitos apontam para a emergência de estranhamento e como eles se manifestam na materialidade linguística. Os excertos serão analisados discursivamente baseados na linha francesa.

Para apresentar a análise nos baseamos nos objetivos e hipótese desta pesquisa, e inicialmente havíamos pensado em dividir em três eixos, como a seguir:

- Sentidos do empreendedorismo antes da disciplina - quais são os efeitos de sentidos que atravessaram os sujeitos entrevistados antes de cursarem a disciplina, mas com ciência de que iriam cursar o empreendedorismo durante sua graduação. Quais foram suas impressões e expectativas e qual era o conhecimento prévio sobre o assunto.
- Sentidos do empreendedorismo depois da disciplina – quais são os efeitos de sentido que atravessaram os sujeitos entrevistados após cursarem a disciplina. A disciplina aconteceu de acordo com a expectativa inicial, se houve mudança da impressão inicial e se seu conhecimento sobre empreendedorismo e o que a disciplina agregou neles.
- Estranhamento ao empreendedorismo – Houve emergência ou não de estranhamento com a disciplina de empreendedorismo e como isso se manifestou na materialidade linguística.

Então, pelas entrevistas, observou-se que esses sentidos encontram-se imbricados uns nos outros, assim, optamos por levantar os sentidos e analisá-los, levando em conta as questões norteadoras da entrevista e que vão ao encontro dos objetivos, sem contudo, fazer a divisão em eixos.

5.1 SENTIDOS E ESTRANHAMENTOS DE EMPREENDEDORISMO NAS VOZES DOS SUJEITOS PARTICIPANTES

Para identificar os sentidos de empreendedorismo nas vozes dos sujeitos participantes foram feitas perguntas que pretendiam levantar duas percepções: como os sujeitos entendiam o empreendedorismo antes de ter a disciplina e como eles passaram a entender depois de cursar a disciplina. Também, buscamos identificar, pelas questões, os efeitos de sentido de estranhamento à disciplina. Analisamos, a seguir, os sujeitos do curso de Administração e do curso de Pedagogia. Efeitos de sentido são:

Diferentes sentidos possíveis que um mesmo enunciado pode assumir de acordo com a formação discursiva na qual é (re)produzido. Esses sentidos são todos igualmente evidentes por um efeito ideológico que provoca no gesto de interpretação a ilusão de que um enunciado quer dizer o que realmente diz (sentido literal). (FERREIRA, 2005, p.14)

Inicialmente em nossa análise dos enunciados dos sujeitos dos cursos de Administração e Pedagogia, procuramos identificar os efeitos de sentido que atravessam as alunas em relação ao empreendedorismo. De um modo geral, observa-se que os efeitos de sentido do empreendedorismo que atravessam os alunos são de que o empreendedorismo está ligado à abertura de novos negócios e que ser empreendedor vai muito além do que essas alunas podem fazer. Esta primeira ideia de empreendedorismo atravessou todos os sujeitos, tanto de administração quanto de pedagogia. O que os diferenciou é que, apesar do “susto” inicial com o nome empreendedorismo, os sujeitos estudantes de administração inicialmente aceitavam melhor a disciplina em sua grade. Ao perguntarmos a expectativa dos sujeitos ao visualizarem a disciplina de empreendedorismo na sua grade, essa percepção fica clara em suas respostas. A seguir, apresentamos a resposta de Gates:

“A primeira coisa que eu pensei foi nossa! Não sou nada empreendedora! Não sei porque vim estudar isso (risos). [...] Então quebrou aquele tabu, de que, ah, que empreendedorismo é só para empreendedor, para quem vai criar uma empresa com algo super novo, entendeu?! Acabou quebrando esse paradigma na minha cabeça que eu achava que eu não tinha”.

A Gates é uma aluna de administração, traz o empreendedorismo como um paradigma, porém ela tem o conceito de paradigma distorcido, pois se via com a falta de capacidade de empreender. Enxergava o empreendedorismo como a criação de um negócio inovador e grande

e, quem sabe, um negócio de sucesso, como por exemplo a Apple. Devido a sua história de vida difícil, no início da disciplina, olhou para o empreendedorismo como um tabu, algo inalcançável. A primeira expressão utilizada: “A primeira coisa que eu pensei foi **nossa!**”, a finalização do enunciado com a interjeição “nossa” demonstra a surpresa por parte do sujeito em discutir o tema empreendedorismo. Dornelas (2007) chama este empreendedor referido por Gates de Empreendedor Serial, ou seja, aquele que cria novos negócios. Geralmente este empreendedor possui características como habilidade de montar equipes, motivar time, captar recursos e colocar a empresa em funcionamento:

O empreendedor serial é aquele apaixonado não apenas pelas empresas que cria, mas principalmente pelo ato de empreender. É uma pessoa que não se contenta em criar negócio e ficar à frente dele até que se torne uma grande corporação. Como geralmente é uma pessoa dinâmica, prefere os desafios e a adrenalina envolvidos na criação de algo novo e assumir uma postura de executivo que lidera grandes equipes (DORNELAS, 2007, p. 12-13).

Como uma menina de 18 anos vai estudar algo que geralmente é executado por profissionais mais maduros e experientes? Essa percepção pode ser enfatizada com a sua fala “Não sou **nada** empreendedora” O advérbio “nada” ressalta o olhar do empreendedorismo como negócio, e ainda a sua visão de falta de capacidade intelectual e econômica de empreender. Gates é uma estudante, muito nova, que tem um cargo administrativo na Faculdade em que estuda, mas não tem seu próprio negócio.

Além disso, é um sujeito da sociedade neoliberal que governa a população para desenvolver características e habilidades necessárias para viver no mundo líquido, tecnológico e globalizado. Mas mesmo assim, percebemos seu espanto com a disciplina de empreendedorismo e o sentimento que não é nada empreendedora. Assim, notavelmente, Gates descartou o empreendedorismo de si

[...] sujeitos empreendedores de si são sujeitos que se responsabilizam pelos seus atos, pelos seus investimentos neles mesmos, em capital humano, logo, pelo seu sucesso ou fracasso. Sujeitos empreendedores de si seriam então sujeitos responsáveis por si mesmos, que não atribuem as culpas de seu sucesso ou o oposto a terceiros, mas a si próprios (FLORES, 2014, p. 26).

Apesar de inicialmente descartar o empreendedorismo de si, Gates, incoscientemente, assume a posição de empreendedora de si, pois está investindo em Capital Humano e sabe que é responsável pelo seu sucesso e fracasso.

Mesmo depois de conhecer o empreendedorismo, ao falar da sua expectativa ainda continuou relacionando o empreendedor como aquele que é dono do seu próprio negócio:

“empreendedorismo é só para empreendedor, para quem vai criar uma empresa com algo super novo, entendeu?”.

Além de novamente descartar o empreendedorismo de si, afinal o “empreendedorismo é só para empreendedor”, utilizou o adjetivo “super novo” relacionando o ato de empreender com o alto grau de inovação, como os empreendedores do Vale do Silício, por exemplo.

A visão do empreendedorismo como abertura de novos negócios foi citada também na entrevista da Diniz, a segunda aluna de administração. Este sujeito não enxergou o empreendedorismo como tabu, pois tinha um conhecimento prévio de empreendedorismo, com aulas no ensino fundamental. Mas sua expectativa estava relacionada com a praticidade, dinamismo.

Diniz: “Eu achei... eu não, muito bem eu não tinha ideia de como ia trabalhar numa faculdade, porque no ensino fundamental eu fiz né, em disciplina de empreendedorismo, e daí eu entrei no Clube do Empreendedor, e quando eu vi que tinha na faculdade eu fiquei bem animada assim, porque é mais dinâmica, é mais prática, eu tava louca para que nem fosse criar uma empresa fictícia, assim algo de gerência, essas coisas. Que queria saber muito como era e aí eu adorei que teve”.

Diniz caracterizou a disciplina de empreendedorismo como “dinâmica” e “prática”, que são características encontradas nos empreendedores. No interior da formação discursiva de Diniz podemos perceber que este sujeito é atravessado por vários outros discursos, pois a aluna, em seu ensino fundamental, já cursou a disciplina de empreendedorismo. Segundo Ferreira (2005b), o interdiscurso trabalha com a resignificação do sujeito a medida que seu discurso é atravessado por vários outros discursos, relativos a outros momentos históricos e lugares sociais. Em seu discurso, também podemos perceber a relação do empreendedorismo com o nosso dia a dia, com a modernidade líquida, como denominou Bauman (2001).

Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros, invadem ou inundam seu caminho’. [...] Associamos ‘leveza’ ou ‘ausência de peso’ à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos (BAUMAN, 2001, p. 8-9).

Vivemos em um mundo de constante transformação, em que tudo é líquido e se modifica facilmente. Desta forma, não podemos perder tempo e devemos viver mais “leves” para que

conseguimos acompanhar estas mudanças. Desta forma, o efeito de sentido que atravessa Diniz em seu enunciado é de que precisamos ser práticos e dinâmicos para acompanhar uma sociedade que se transforma constantemente,

Podemos identificar também traços da governamentalidade da sociedade atual, em que os sujeitos pertencentes a esta se tornam dinâmicos e práticos para conseguirem sobreviver. Desta forma, podemos dizer que o empreendedorismo de si atravessou a Diniz em algum momento da sua vida, mas ela não deixa claro isso em seu discurso. Concomitantemente, no enunciado, *“eu tava louca para que nem fosse criar uma empresa fictícia, assim algo de gerência, essas coisas”*, mostra que o empreendedorismo atravessa a Diniz muito além dos negócios. Esse sujeito já relaciona o empreendedorismo com o profissional empreendedor, o empreendedor como alguém que consegue se desenvolver na carreira e chegar ao cargo da gerência.

A ideia de se atribuir o empreendedorismo apenas à criação de novos negócios é muito limitada. Quando se analisa o empreendedorismo de um ponto de vista mais abrangente, levando em consideração os aspectos-chave relacionados ao tema, percebe-se que é possível trazer esse conceito para dentro das organizações estabelecidas e, ainda, fazer com que essas organizações tenham um diferencial com isso. O comportamento empreendedor está intimamente ligado a uma orientação para a ação, pensando de forma diferente, buscando incessantemente novas oportunidades para o negócio, criando algo novo e entendendo como essas novas oportunidades poderão trazer lucros para a organização. Para que se implementem tais oportunidades identificadas fazem-se necessários a mobilização e o convencimento de outras pessoas, nas diversas áreas da organização, sendo a liderança um fator-chave para esse propósito (DORNELAS, 2008, p. 12-13).

Diniz sabe da alta concorrência e da globalização que governa o mundo do trabalho e faz com que os profissionais desenvolvam competências a fim de diferenciá-los, como competências empreendedoras. E como Diniz é aluna de administração, a disciplina de empreendedorismo é esperada por esse curso:

“Que queria saber muito como era e aí eu adorei que teve. queria saber muito [...] eu adorei”.

A aluna demonstra a receptividade que o aluno de administração tem com o tema empreendedorismo.

A terceira aluna de Administração entrevistada também relacionou o empreendedorismo como negócio. Ao perguntar para ela o que ela pensou quando viu a disciplina de empreendedorismo na grade, Jobs, sem pensar respondeu:

“Eu pensei... nossa vou abrir um negócio”.

Mais uma vez surgiu a interjeição “*nossa*”, que corresponde ao espanto. Apesar de estudar Administração, Jobs se espantou com a possibilidade de abrir um negócio. A mesma afirmou, sem pensar que iria abrir um negócio, subentendendo que a disciplina a faria pensar em uma nova empresa. Mas logo Jobs completa sua resposta:

“mas não né... mais uma forma.... pelo meu ponto de vista, que o empreendedorismo é como, não necessariamente que eu vá abrir um negócio né, é mais a forma de você... também conhecer o mercado de como é montado, como é criado toda essa forma de empreender.”

Ao completar a resposta dá a impressão que Jobs irá desvincular o empreendedorismo de negócio “*mas não né...*” mas sua resposta continua excluindo as várias formas de empreender:

*“conhecer o **mercado** de como é montado, como é criado **toda essa forma de empreender.**”*

Ao mesmo tempo, Jobs amplia o conceito de empreendedorismo. Podemos analisar, também, que Jobs, sabendo que a entrevistadora é professora de empreendedorismo utiliza constantemente o advérbio “**né**”, o que reforça a sua insegurança com relação ao conceito de empreendedorismo e o seu nervosismo no momento da entrevista, ou seja, a todo momento quer se certificar com a entrevistadora se o que está falando é o correto.

Os sujeitos estudantes de Pedagogia demonstraram a mesma percepção de empreendedor dono do seu próprio negócio, porém, em primeiro momento, estranhando a disciplina. Segue um excerto da entrevista com a Shiba:

*“É... na verdade é assim... eu não tinha **nenhum** contato com a questão empreendedorismo, não tinha a **mínima ideia** como seria essa disciplina, mas a medida que foi passando, ela não seria uma disciplina sem... é... ela não é complicada, ela é trabalhosa na verdade né... é uma questão que você tem que pensar muito. Tem muitas estratégias. Não é tão simples assim. É... mediante... ao decorrer na verdade desta disciplina é... eu consegui entender algumas áreas, mas assim, pra eu abrir talvez uma empresa ou qualquer algo do gênero, eu precisarei talvez ter algum avanço né? [...] Eu não entendi **nada.**”*

Destacamos no discurso de Shiba as palavras “nenhum”, “mínima ideia”, “nada”, o que demonstra o estranhamento que a estudante de Pedagogia teve pelo empreendedorismo., Estas palavras de estranhamento aparecem de maneira inconsciente. Como professora, tenho notado que os alunos de Pedagogia tendem a não aceitar o empreendedorismo na grade do curso, deixando claro que eles não buscam esse tipo de conhecimento e não querem buscar, como em:

“Eu não... eu não, assim... pra ser bem sincera eu não... não... não.. teria a mínima ideia. No momento assim, eu só pensei: ah! Como eu não... nunca busquei a área de empreendedorismo eu não busquei” .

Shiba repete várias vezes “eu não busquei a área de empreendedorismo”. Ao mesmo tempo, como trabalha na instituição em que estuda, no momento na entrevista, já havíamos desenvolvido uma relação, então o sujeito tenta tomar cuidado com as palavras que vai usar, no sentido de defender a posição da faculdade em inserir o empreendedorismo na grade curricular de pedagogia, mas não consegue esconder o que realmente sente pela disciplina. Shiba é casada, trabalha, estuda. Empreende em sua carreira, pelo simples fato de estar buscando uma qualificação com mais de 30 anos. Como todos nós, vive a Modernidade Líquida, em que o mundo é extremamente dinâmico. Assume diferentes posições de sujeito no seu dia a dia, e obriga-se a se comportar de maneira dinâmica, criativa e resiliente, efeito da governamentalidade. Shiba é uma empreendedora, mas não se reconhece, pois não entende o conceito que atravessa o seu dia a dia, o de empreendedorismo de si. Sabendo que posição de sujeito é, segundo Ferreira (2005a, p. 20):

Resultado da relação que se estabelece entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito de uma dada formação discursiva. Uma posição-sujeito não é uma realidade física, mas um objeto imaginário, representando no processo discursivo os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Deste modo, não há um sujeito único mas diversas posições-sujeito , as quais estão relacionadas com determinadas formações discursivas e ideológicas.

No momento da entrevista Shiba estava na posição de sujeito profissional, que foi representado em seu discurso de defesa da disciplina de empreendedorismo, apesar de que na posição de sujeito aluno Shiba não se posiciona da mesma maneira.

A aluna Maia de Pedagogia foi o sujeito que mais demonstrou estranhamento inicial em relação à disciplina de empreendedorismo. Quando a entrevistadora perguntou se a disciplina era adequada ao seu curso, Maia respondeu:

“No começo teve uma certa resistência assim. Não só minha, da turma em si, em relação à disciplina pra nossa área.”

Maia assume o estranhamento em nome da turma de Pedagogia. Em seu enunciado, demonstra que o empreendedorismo está fora da área de Pedagogia, contrapondo a disciplina e a área de Pedagogia. Este inicial estranhamento foi pontencializado com o sentimento de indiferença, desprezo pela disciplina de empreendedorismo. Quando foi questionada sobre a sua expectativa, Maia respondeu:

“Na verdade nada né? No começo nada. (risos) [...] O que que tá fazendo aqui, talvez né? É... até entender realmente a função da disciplina... não, não... não despertou nada. [...] Pra mim foi realmente indiferente”.

Maia é uma aluna que tem como meta cursar Pedagogia, por estar de alguma forma inserida em ambientes com Pedagogos. Tentou fazer outros cursos, mas insisitu em Pegadogia. Ela é uma empreendedora de si, está investindo no seu Capital Humano, mas o seu estranhamento pela disciplina de Pedagogia se traduziu em indiferença.

[...] uma vez que se é um sujeito performático, que busca fazer investimentos em si mesmo, estes podem ser investimentos educacionais, para obter maior desempenho, logo, acumular capital humano para que se torne um sujeito desejável, o sujeito ideal dessa sociedade de consumo (FLORES, 2014, p. 92).

Apesar da indiferença. Maia se subjetivou à sociedade atual, que pressupõe um sujeito empreendedor de si, um sujeito de consumo, porém de consumo de conhecimento, de Capital Humano, que garante a sua boa performance no mercado de trabalho e sua competitividade.

Esta indiferença foi tão forte, que Maia demonstra a dúvida de como o empreendedorismo está inserido na Pedagogia: *“O que que tá fazendo aqui, talvez né?”*, novamente ela separa o empreendedorismo da área de Pedagogia. Porém, incoscientemente Maia assume a posição de sujeito empreendedor de si, pois está em busca da sua competitividade no mercado de trabalho.

Há dois pontos em comum das alunas de Administração e Pedagogia: todas as alunas entendem o empreendedorismo como um ato de abrir um negócio e não assumem a posição de sujeito empreendedor. O que os difere, é que as alunas de Administração aceitam a disciplina, pois o curso é voltado à gestão de empresas. Apesar da surpresa e de não entenderem como deverão se comportar durante a disciplina, o empreendedorismo atravessa a área de gestão de

empresas, e as alunas se apropriam de tudo que é relacionado a negócios. Já as alunas de Pedagogia, apesar de empreenderem no seu dia a dia, e se relacionarem com a gestão escolar, não conseguem tomar a posição de sujeito empreendedor, pois não enxergam a escola como uma empresa e nem o empreendedorismo como forma de enfrentar o vida moderna, o mundo líquido e dinâmico e o desenvolvimento da sua carreira. E a pergunta que deixo em aberto é: será que não devemos empreender na sala de aula também? Será que estas alunas de Pedagogia querem ser apenas mais um no mercado?

A disciplina de empreendedorismo no Centro Universitário pesquisado é uma disciplina institucional e está focada na geração e implementação de ideias. O grande objetivo do Centro Universitário é que os alunos, em todas as áreas, sejam capazes de enxergar um problema, necessidade ou oportunidade e, por meio de suas competências empreendedoras, consigam gerar, implementar e controlar uma ideia. Então, todos os professores de empreendedorismo são orientados a adaptar o enfoque das aulas para que os alunos se adequem ao empreendedorismo de acordo com sua vocação. Porém, ao fazer a análise dos discursos pudemos perceber que alguns alunos não conseguem desvincular o empreendedorismo de negócios, e não são atravessados pelo empreendedorismo ao olhar para seu dia a dia, para a sua carreira etc., mesmo depois de terem tido a disciplina.

Os excertos a seguir se referem aos novos sentidos ou não sobre empreendedorismo agregados aos sujeitos após terem feito a disciplina. Ao perguntarmos à Gates sobre o que é empreendeder, além de abrir negócios, ela revela ter agregado novos sentidos ao conceito de empreendedorismo, após a disciplina. Gates:

*“Então... a questão do empreendedorismo, eu vejo que é assim... pra mim, é meio que otimização do que vai, do que você faz, do que vai fazer, do que realiza, é tipo assim: **diferenciações**. Elas podem ser... tanto lá: a **diferenciação** não existe ninguém no mercado com isso, ou então sei lá... **facilitar** um procedimento, trazer... que nem como... não me lembro agora, pera aí... a questão do **intraempreendedorismo**, você **facilitar** os processos dentro da empresa que você trabalha, você trazer esta questão da... inovação assim na **diferenciação**, mais na questão de **facilitar** as coisas, não só de criar algo.”*

Ao perguntarmos sobre a possibilidade de entendimento que empreendedorismo vai muito além de negócios Gates, responde sem pensar: “*Aham.... exatamente*”. Ela foi enfática sobre a possibilidade de empreendeder além dos negócios. Ao completar seu enunciado, Gates amplia o seu conceito de empreender. Primeiro destacamos o substantivo “*diferenciação*”: Gates cita esta palavra três vezes, e traz o empreendedorismo de destaque nos mostrando que os profissionais estão em um mercado altamente competitivo. Gates tem clara percepção de um mercado altamente competitivo, e que a saída para o profissional ter sucesso é ter algo diferente para oferecer.

Se alguém não fizer, não se transformar nesse sujeito inovador, atualizado, empenhado, dinâmico, com muito conhecimento, com muito capital humano acumulado, só pode haver uma explicação pela racionalidade neoliberal: o próprio sujeito não quer. E as consequências disso? Pois bem, sejam elas quais forem, só ele será responsável por elas, sejam boas ou ruins, sejam de sucesso ou fracasso. O sujeito torna-se responsável por ele mesmo, responde pelos seus atos, e não tem a quem culpar pelo seu alto ou baixo desempenho, a não ser ele mesmo. É isso que trato aqui como autorresponsabilização (FLORES, 2014, p. 92).

Neste caso, ter algumas características do comportamento empreendedor, como a diferenciação é a chave de sucesso no mercado de trabalho de hoje. Mais uma vez podemos identificar a sociedade moldando um sujeito, um sujeito empreendedor, que sente a necessidade de diferenciação para sobreviver no mercado de trabalho e no mundo globalizado. O sujeito pode não querer se moldar como um sujeito empreendedor, porém torna-se responsável por sua escolha, não podendo culpar ninguém e nada pela sua baixa performance. Foi o primeiro momento durante a entrevista que Gates cita o intraempreendedorismo, conceito que ela tem clareza do que é e, dentro deste conceito, ela repete três vezes a palavra “*facilitar*”, referindo aos benefícios que as competências empreendedoras trazem para o ambiente de trabalho. Neste sentido, Gates não relaciona o empreendedor como aquele que cria algo, mas também aquele que enxerga os problemas e traz soluções, apenas realocando recursos de maneira diferente. Como fui sua professora, percebe-se que Gates fez questão de demonstrar a amplitude de conceitos que foram discutidos em sala de aula.

Diniz, que também relacionava o empreendedorismo com a abertura de novos negócios, após a disciplina, se apropriou do conceito de empreendedorismo corporativo, aquele que praticamos na empresa onde trabalhamos. Vamos ao excerto:

“É... pra mim tinha uma visão muito fechada. Empreendedorismo era abrir uma empresa e ser seu dono, assim, e aí a gente foi aprendendo

*que não é bem assim. Você pode ser funcionário e empreender dentro da empresa, só uma ideia nova pra mudar o **sistema**, talvez, a colaboração entre os funcionários. Eu achei bem legal assim, e você se sente melhor como funcionário. Não precisa ser chefe, pra você é diferença”.*

No discurso de Diniz fica claro que o sujeito foi atravessado também pelo intraempreendedorismo, e ela relaciona o ato de empreender com inovação. Em seu discurso, utiliza a palavra “*sistema*” que nos faz pensar em processos imutáveis e ultrapassados, e que a pessoa empreendedora está ali para inovar algo que nunca foi mexido. Neste sentido, podemos fazer um paralelo com a *Moderidade Líquida* de Bauman (2001), que descreve uma sociedade mutável, que se dilui como líquido.

[...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. [...] os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas ‘por um momento’ (BAUMAN, 2001, p. 8).

Se vivemos em uma sociedade mutável, os sujeitos inseridos nela devem se adaptar a essa liquidez, e quebrar o sistema para que tudo funcione de maneira orgânica. Diniz também relaciona o intraempreendedor com aquele funcionário que faz a diferença. Que não é apenas mais um no mercado.

Jobs, apesar de ter participado da disciplina junto com a Diniz, não foi atravessada pelo intraempreendedorismo. Em sua entrevista, Jobs estava nervosa e se mostrou um pouco constrangida ao ser questionada se a disciplina de empreendedorismo estava além da metodologia de negócio. Analisemos um excerto da entrevista:

“Isso. É a grande parte dela, ela foca. [...] O professor até enfatiza bastante: pra quando vocês forem empreendedores um dia, usem bastante. Vocês que abrirem seu próprio negócio, mas não todos que tem esse foco né? Então você pode absorver isso de outras formas”.

Em seu discurso, Jobs demonstra não ter se apropriado do intraempreendedorismo e do empreendedorismo de si, relacionando o empreendedorismo com negócios e não se colocando na posição de sujeito empreendedor. Ao ser questionada se conseguia se ver como empreendedora hoje, Jobs responde sem pensar: “Não”. O seu enunciado demonstra que o ato

de empreender está longe do seu dia a dia e que ela não tem esse foco. Mas ao continuar a entrevista, eu insisti no empreendedorismo de si, e Jobs amplia a sua visão de empreendedorismo, e com naturalidade, se revela como empreendedora de si, admitindo que empreende no seu dia a dia:

“Você pode acabar criando momentos de empreendedor, né? Não necessariamente... [...] É... quando você talvez cria uma forma de você é... não sei como definir isso. [...] Você apli... empreende todos os dias na sua vida né? Desde a forma... na hora que você acorda, você tá gerando um negócio pra você finalizar teu dia”.

Mas apesar de Jobs assumir a posição de sujeito empreendedor de si, ainda ela não reconhece o conceito tal como, demonstrando dificuldade em se expressar. Para Jobs se reconhecer como uma empreendedora de si, tive que insistir e refazer as perguntas de formas diferentes. Como já foi citado, Jobs estava nervosa durante a entrevista e até em alguns momentos desconfortável, pois ao insistirmos em discutir sobre o empreendedorismo de si Jobs demonstra em seu discurso querer parar com o assunto:

“Isso mesmo que eu quis dizer. É... eu não consegui definir”.

Shiba, a aluna de Pedagogia, mesmo após cursar a disciplina, continuou com o olhar do empreendedorismo como forma de fazer negócios. Quando a pesquisadora pergunta sobre a relação do empreendedorismo com a geração de ideias, em sua resposta Shiba demonstra-se contraditória: *“Eu acredito que sim: que quando a gente, eu... que começou a disciplina assim... é... a questão de montar um negócio.”* A palavra *“negócio”* é repetida várias vezes durante a entrevista, e a todo momento Shiba a utilizava. Ela acredita na geração de ideias, mas sempre relacionada a negócios.

“Eu acredito que sim: que quando a gente, eu... que começou a disciplina assim... é... a questão de montar um negócio [...] Foi só isso. Ah! Vamo... ah! como montar uma empresa [...] Mas ai ao decorrer ela foi lapidando assim, é... alguns pontos que são mais importantes, pra gente ter uma base né... pra futuramente a gente buscar mais informações em relação...”

Em muitos momentos do seu discurso, Shiba mostra-se em dúvida do que vai responder, demonstra muito cuidado com as palavras que vai utilizar e, em alguns momentos, faz

discursos contraditórios. Isso nos mostra que Shiba limitou o conceito de empreendedorismo à abertura de novos negócios, e não se apropriou do conceito de empreendedorismo de si. Ao ser questionada sobre a possibilidade de empreender sem abrir uma escola, Shiba responde: “*olha! Hoje talvez não*”. Também é claro que Shiba enxerga que assumir a posição de sujeito empreendedor é algo distante, futuro: “*pra futuramente a gente buscar mais informações em relação...*”, e que a disciplina de empreendedorismo não foi suficiente para tal.

Em alguns momentos, Shiba consegue ampliar sua visão, inclusive refletindo o empreendedorismo para dentro de uma escola. Mas nos mostra que não se apropriou também do intraempreendedorismo, ao demonstrar dificuldade de falar sobre empreender dentro do trabalho. E ao continuar a entrevista, Shiba volta a relacionar a Pedagogia empreendedora com a pedagoga dona de um negócio:

*“Você tem uma carga que você tem que cumprir. Acredito eu, que eu pedagoga, adquiro uma área, faço uma pós-graduação, me preparo, **pra prestar o meu serviço, até pra alguém particular.** [...] Não posso abrir uma empresa ainda. Dizer assim: olha! Sou uma professora de contra turno, digamos assim pra dar reforço”.*

Nitidamente Shiba não se apropriou do conceito de empreendedorismo de si. O máximo que ela consegue se ver como empreendedora é por meio de um trabalho autônomo, talvez como uma professora particular: “*pra prestar o meu serviço, até pra alguém particular*”.

Rodrigues, da mesma forma que Shiba, se apropriou do conceito de empreendedorismo negócio, declarando que este é um universo que ela não conhecia. Ao ser questionada se a disciplina fez algum sentido para ela, Rodrigues respondeu:

“Fez. Ela me abriu a cabeça pra um universo que eu não conhecia. [...] Dos negócios né? De você ter um negócio seu, ter uma empresa, saber como funciona, ter um aparato. Caso eu queira ter um negócio, como eu devo proceder em determinadas situações. Me ajudou bastante, mas com a questão do curso de Pedagogia não”.

Apesar de Rodrigues ter se apropriado do conceito de empreendedorismo negócio, ela não foi atravessada pelo empreendedorismo. O mundo dos negócios ela não conhecia, mas o empreendedorismo a fez olhar para esse mundo. Nos seus enunciados podemos perceber que ela tem o empreendedorismo como um “coringa”, como uma segunda opção, “*Caso eu queira*

ter um negócio...” Para Rodrigues, o seu conhecimento sobre o mundo dos negócios é um instrumento que ela poderá utilizar em caso de insucesso como Pedagoga. Fica claro que Rodrigues, apesar de ser uma grande empreendedora de si, em busca de conhecimento para a realização do sonho de ser Pedagoga, não consegue se enxergar nesta posição de sujeito nem mesmo como uma intraempreendedora.

Da mesma forma que Shiba e Rodrigues, Maia também se apropriou do conceito de empreendedorismo de negócio. Ao ser questionada se enxergava o empreendedorismo de outra forma além de abrir negócio, Maia responde enfática: “Não”. Em seus enunciados ao longo da entrevista, foi fortalecendo o seu estranhamento pela disciplina de empreendedorismo. E em outro momento da disciplina, ela toma o seu estranhamento como um sentimento geral da sua turma. A entrevistadora pergunta sobre o que não chamou a atenção na disciplina, e Maia responde:

“Ah! Eu acho que na verdade, essa questão de empreender sabe? Não é algo assim que... numa visão geral da nossa sala assim... a gente não percebeu que alguém tinha esse perfil de buscar o empreendedorismo, a gente viu muitas práticas de vivências de outras questões assim: de pessoas que abriram seu próprio negócio, de várias áreas, isso foi bastante legal pra gente ter esse conhecimento, mas em si, pra mim não...”

Maia deixa claro que não é um sujeito que assume o empreendedorismo de negócio, e amplia esse seu sentimento para a sua turma de Pedagogia. Porém, demonstrou interesse e entusiasmo em conhecer histórias de áreas diferentes. Vivemos em um mundo em que devemos assumir multifunções e de alta competitividade. Para nos tornarmos competitivos buscamos diferentes conhecimento e informações além do que precisamos saber. Maia está inserida nesse mundo, e toma uma posição de sujeito competitivo e sujeito de consumo de conhecimento, de informação de Capital Intelectual. Apesar de se colocar como um sujeito não empreendedor e insistir no seu estranhamento ao empreendedorismo, Maia é uma empreendedora de si.

De todo modo, os indivíduos e as coletividades são cada vez mais investidos por novas tecnologias e mecanismos de governo que fazem de sua formação e de sua educação, num sentido amplo, uma espécie de competição desenfreada, cujo progresso se mede pelo acúmulo de pontos, como num esquema de milhagem, traduzidos como índices de produtividade. E são avaliados de acordo com os investimentos que são

permanentemente induzidos a fazer para valorizarem-se como micro-empresas num mercado cada vez mais competitivo. O novo empreendedor já não pode mais ser caracterizado com um passivo na contabilidade das grandes empresas e corporações; na verdade, há quem diga ele já não é mais nem mesmo um ativo, senão um investidor, uma espécie de sócio que investe na empresa em que trabalha o seu capital humano (COSTA, 2009, p.181).

Para entender melhor os efeitos de sentido do empreendedorismo que atravessam os sujeitos, nos direcionamos a identificar o que a disciplina agregou neles, fazendo perguntas sobre como eles se sentiram estudando empreendedorismo e quais competências foram despertadas durante e após concluir a disciplina. Sabendo que a arte de governar da sociedade atual determina um sujeito empreendedor, de modo geral.

A governamentalidade moderna coloca pela primeira vez o problema da 'população', isto é, não a soma dos sujeitos de um território, o conjunto de sujeitos de direito ou a categoria geral da 'espécie humana', mas o objeto construído pela gestão política global da vida dos indivíduos (biopolítica). Essa biopolítica implica, entretanto, não somente uma questão da população, mas um controle das estratégias que os indivíduos, na sua liberdade, podem ter em relação a eles mesmos e uns em relação aos outros (REVEL, 2005, p. 55).

As alunas de Administração e Pedagogia encontraram o sujeito empreendedor de si identificando características empreendedoras em suas ações após concluir a disciplina. Segundo Costa (2009) a unidade de base da sociedade não é mais o indivíduo, e sim o trabalhador-empresa, um indivíduo-microempresa, Você S/A, e desta forma a economia começa também a se concentrar nos modos os quais os indivíduos buscam produzir e acumular capital humano. Apesar das alunas não tomarem a posição de empreendedores de suas vidas, em seus discursos se colocam na posição de empreendedores de si.

Gates, ao ser questionada sobre as habilidades que afloraram após cursar a disciplina, respondeu:

*“Eu acabei descobrindo que eu posso ter **ideia** sim. Só que não é no momento que eu quero, na hora que eu quero. Ela simplesmente vem e surge, e daí você tem que anotar, você tem que segurar a ideia em algum lugar, pra você poder aproveitar depois, né? Então me senti uma **pessoa criativa** depois disso, vou ser bem sincera. [...] Eu tenho habilidade na **organização**, isso eu percebi bastante (risos). Uma organização ao extremo... é... sei lá... talvez assim... eu me vejo uma pessoa que eu consigo trabalhar bastante em **parceria**. Se os objetivos da pessoa com quem do grupo que eu tô são os mesmos, se a gente*

*tem o mesmo **objetivo**, o mesmo **foco**, a gente consegue trabalhar bem, a gente consegue até o máximo que a gente espera, sei lá, talvez um pouco, acho que é isso”.*

Durante seu discurso, Gates se descreve como uma pessoa empreendedora, se apropriando de diversas características empreendedoras como: geração de ideias, criatividade, parceria, organização, foco, trabalho em equipe, coragem, persistência, liderança, inovação.

No enunciado, Gates deixa claro que aplica estas características no seu dia a dia e no seu trabalho.

As pessoas que se movem e agem com maior rapidez, que mais se aproximam do momentâneo do movimento, são as pessoas que agora mandam. E as pessoas que não podem se mover tão rápido – e, de modo ainda mais claro, a categoria de pessoas que não podem deixar seu lugar quando quiserem – as que obedecem (BAUMAN, 2001, p. 152).

Sendo assim, podemos considerar que Gates foi constituído como um sujeito empreendedor da sociedade moderna que deve saber planejar sua vida de modo a otimizar seu tempo e sua produtividade. Ao ser questionada se aplica o empreendedorismo na sua vida pessoal e profissional, Gates coloca:

*“(silêncio) É... tenho... (risos) assim... na minha vida pessoal... sei lá... sim, como na questão de você ser uma pessoa **corajosa**, ser uma pessoa que **assume risco**, ser uma pessoa que vai até o fim, acho que isso aplica muito na minha vida pessoal, porque quando eu quero eu vou atrás, eu busco, eu sou **persistente**, assumo alguns riscos sim, que eu vejo que estou de acordo com que eu posso assumir, porque eu tenho capacidade de suportar. É... acho que é dentro da questão pessoal. Acho que é isso. [...] É... de certa forma sim. Porque querendo ou não, é... querendo ou não, assim... você sempre quer um jeito de **otimizar o teu tempo no trabalho, de otimizar a tua produtividade**, né?! Então você sempre vai criar um jeitinho, sempre vai dar um jeito de fazer aquilo mais rápido, é...fazer outros processos. Então, e daí a questão dos trabalhos em equipe estarem junto também. Eu acho que sim”.*

Essa subjetivação da sociedade moderna se dá no ambiente de trabalho, que necessita de profissionais que saibam intraempreender. A entrevistada se identifica quando, em seu

trabalho, assume a posição de sujeito intraempreendedor, que deve trazer inovações para os processos, saber trabalhar em equipe, assume riscos e otimiza o seu trabalho.

Diniz também se considera uma empreendedora após ter estudado a disciplina de empreendedorismo. A sua constituição se dá pelo fato de viver em uma sociedade moderna e líquida, mas também pela vontade de ter seu próprio negócio. Analisemos alguns excertos da entrevista de Diniz:

*“É. Eu acho que saí **mais trabalhadora de equipe** assim. Porque geralmente eu sou alguém que é... quer ficar na **liderança** assim sabe... que às vezes sou fechada das ideias, mas é que trabalhei num grupo, a gente viu que veio coisas diferentes, a gente até... o trabalho final depois a gente fez um aplicativo que a **gente quer entrar para o Programa de Aceleração de ideia da faculdade (sic) até. [...] E a ideia não veio de mim. Veio de outra pessoa, mas todo mundo foi aprimorando a ideia**, até ficar uma coisa muito boa. Então acho que isso que eu saí da disciplina aprendendo mais [...] É... eu acho que de pesquisa bastante né?! Porque você precisa saber o mercado, coisa assim, é... não sei... nunca tinha **focado** que você tem que saber quem é o consumidor, que importa o lugar que você ai abrir, tudo, essas coisas assim. Acho mais que de **percepção** também eu melhorei”.*

Diniz identificou o desenvolvimento de uma habilidade muito importante para empreender: trabalho em equipe. Porém, mais do que isso, a disciplina de empreendedorismo desenvolveu a capacidade de Diniz saber ouvir. Ela foi constituída como um sujeito empreendedor que descobriu o que realmente é liderar. Um ponto importante que podemos destacar no enunciado de Diniz é que ela foi atravessada pelo empreendedorismo de negócios. Na sua aula, conseguiu criar uma ideia que foi considerada tão boa, que tem a intenção de “tirar do papel” e levar para a aceleradora de ideias da faculdade. Neste discurso, podemos analisar uma outra característica empreendedora que atravessou Diniz, mas que está por trás de suas palavras, que é a coragem e autoconfiança. Ela mesma diz que a ideia de seu grupo é muito boa. Este enunciado demonstra que Diniz acredita muito na ideia desenvolvida durante a aula, atributo muito encontrado nos empreendedores de negócios. A entrevistadora questionou se a disciplina havia feito algum sentido para ela e se havia se sentido bem cursando empreendedorismo, Diniz respondeu:

“Fez, bastante. [...] Muito, principalmente agora, no trabalho final que a gente tá pensando em levar pra fora das provas né? Fazer uma coisa real. [...] Encarar o dia assim”.

Diniz destacou mais duas características empreendedoras que a atravessaram durante o semestre: foco e percepção. Porém, mais uma vez demonstrou em seu enunciado que sua constituição se deu para o empreendedorismo de negócios, ou seja, Diniz assumiu uma posição de sujeito empreendedor dono de sua própria empresa. Mas, de modo geral, a disciplina de empreendedorismo contribuiu para a constituição do sujeito Diniz e a arte de governar da modernidade determinou um sujeito empreendedor de si e empreendedor de negócios.

Jobs foi a aluna que, apesar de ser de Administração, menos foi atravessada pelo empreendedorismo, o empreendedorismo de negócio e o empreendedorismo de si. Durante o momento da entrevista em que tentávamos identificar o que a disciplina agregou para a aluna, as suas respostas foram curtas e rápidas:

“isso eu não... “Isso direi que aprimorou”, “isso.. tá desenvolvendo” “isso com certeza”. Vejamos um excerto sobre as habilidades despertadas após a disciplina: *“É... acredito que a habilidade de é... reconhecer, identificar os problemas que... que tenho né? Acho que isso eu não tinha muito claro né?! Hoje é mais fácil de você, de mim pelo menos, compreender que neste processo de empreendimento, empreender tem... tem problemas bem amplos assim, que... [...] É, que você através do planejamento você pode...”*

Em um dado momento ela misturou a dúvida com a certeza: “Isso.. talvez... com certeza.”, e em um outro enunciado chegou a demonstrar claramente sua dúvida:

Entrevistadora: “Pra você não era um problema. Então você é uma empreendedora, você concorda?” Jobs: “A minha própria pessoa?”

Nos excertos do discurso de Jobs podemos identificar que, apesar de viver em uma sociedade líquida e moderna, que governa os indivíduos para serem empreendedores, ela não se identifica como um sujeito empreendedor. Por viver no ritmo do sujeito moderno, podemos indicar a emergência do empreendedor de si no dia a dia de Jobs, mas esta emergência não está florescendo nas suas respostas breves e inseguras por conta do seu nervosismo no momento da entrevista.

Shiba, aluna de Pedagogia, apesar de ter apresentado um inicial estranhamento ao empreendedorismo, demonstrou em seus enunciados que foi atravessada pelo empreendedorismo, dando sinais da emergência do empreendedor de negócios, do intraempreendedor e do empreendedor de si. Vamos analisar alguns excertos sobre a sua percepção de adequação da disciplina ao curso:

“Acharia. Eu acho que precisa ter. [...] Porque assim... o nosso mundo hoje tá assim... por mais que eu não atue na área de.. assim... na área de abrir uma empresa, mas assim... a questão muito capitalista né?! Às vezes assim, por um momento lá de desemprego talvez, eu queria abrir uma empresa que me interesse, eu preciso ter uma base. E se o curso proporciona essa disciplina, é obviamente que eu vou aproveitar”.

Neste excerto, podemos analisar que após cursar a disciplina de empreendedorismo Shiba passou a não estranhar ao empreendedorismo, posicionando a disciplina como necessária no curso de Pedagogia. Mas esta visão de Shiba vai ao encontro da situação atual que estamos vivendo hoje no Brasil de crise política e econômica gerando um alto índice de desemprego, fato que indica a emergência de indivíduos empreendedores de negócios, que abrem uma empresa em busca de sobrevivência.

Segundo a reflexão feita por Costa (2009) sobre a inserção do empreendedorismo nas grades escolares, a inserção no currículo, além da disseminação da cultura empreendedora, vem ao encontro com as soluções dos males da sociedade.

[...] em momentos históricos cuja organização social é marcada por problemas como o desemprego, a má distribuição de renda, a desigualdade de oportunidades e a violência, investir no empreendedorismo parece ser a melhor solução. Mais que um programa social, isso significa uma visão de mundo e de vida, um compromisso político de todo cidadão com a nação e o planeta. As instituições educacionais podem colaborar na solução dessas dificuldades socioeconômicas, preparando pessoas para empreender, gerar empregos, criar riquezas para o país. Precisamos de um povo participativo, sensível e produtivo, capaz de utilizar suas potencialidades e exercer suas atribuições com plenitude profissional, com atitude ética e empreendedora, para assumir os riscos de sugerir caminhos que beneficiem a todos (ACÚRIO; ANDRADE, 2005, *apud* COSTA, 2009, p. 181).

Shiba, durante a disciplina, se apropriou de uma característica fundamental nos empreendedores e nos sujeitos da sociedade moderna e líquida: “pensar fora da caixa”. A entrevistadora perguntou se a disciplina de alguma forma contribuiu para o desenvolvimento pessoal, e ela respondeu:

“Pensamentos bem diferentes do que eu pensava antes. [...] Comecei a pensar fora da caixa”.

A capacidade de dar soluções diferentes para os problemas e novas visões para as situações do dia a dia é cada vez mais necessária em um mundo volátil e dinâmica, que cria ambientes e pessoas também voláteis e dinâmicas. Mas Shiba também demonstrou que a disciplina emergiu um novo olhar: o empreendedorismo de si. Em um dos seus enunciados, Shiba se vê responsável na formação de indivíduos empreendedores:

“Eu acho assim... a disciplina assim às vezes por mais boba que as pessoas acham que seja, que a gente diz: ai, a Pedagogia deveria assim... como eu pensei nisso, deveria ter é... outras... outras... na área da psicologia. Mas não é apenas isso, porque digamos assim... se você trabalhar com a educação infantil, vai ter que preparar né, por mais que eles sejam pequenininhos, não entendem, mas assim... a planejar né, se organizar e até lá já não precisa usar diretamente, ou abrir uma empresa né?! Mas você pode usar estratégias para você orientar os pequenininhos pra crescer né, assim já encaminhados né?!”

Certamente ela se tornou um sujeito que emergiu em uma sociedade moderna, tecnológica e globalizada que necessita de pessoas planejadas e organizadas, e também atravessada pela ideia de formar pessoas que conseguiam sobreviver de maneira volátil, resiliente e com autocontrole.

A disciplina de empreendedorismo também atravessou Rodrigues, que demonstrou em seu enunciado a emergência de um empreendedor de si, que vive em um mundo de incertezas, na Modernidade Líquida, que os elementos de desfazem e dão lugar aos outros, e assim, precisamos confiar em nossos instintos para tomar decisões. Sob a perspectiva Foucaultiana, Rodrigues se constituiu como um sujeito empreendedor de si, apresentando algumas habilidades características do empreendedor. Segundo Veiga-Neto (2011, p.111) “[...] nos tornamos sujeitos pelos modos de investigação, pelas práticas divisórias e pelos modos de transformação que os outros aplicam e que nós aplicamos sobre nós mesmos”.

Vejamos alguns excertos sobre as habilidades desenvolvidas por Rodrigues:

“Eu acho que a questão da autoconfiança, porque a gente teve que ir na nossa empresa e tomar decisões para conseguir que essa empresa

saísse do papel que a gente teve que montar todo o esquema da empresa. Então assim, a confiança de tomar decisões, saber o que vai fazer, decidir que a gente ia fazer, assim ou não. Isso desenvolveu. [...] Na questão da tomada de decisão, também como eu disse é importantíssimo. Às vezes a professora falava muito de você planejar o seu negócio e ele não sair de forma como você esperava. Isso acontece diariamente em uma escola. Existem diversas coisas que acontecem que fogem de fora do nosso controle e a gente tem que saber como que vai desenvolver o trabalho a partir das coisas que acontecem. E o empreendedorismo me desenvolveu bastante isso”.

No seu enunciado Rodrigues também nos mostra a emergência do intraempreendedorismo no ambiente escolar, que assim como na sociedade, também é um ambiente de incertezas em que a presença de pessoas com características empreendedoras é essencial para o funcionamento do dia a dia.

Maia, ao longo da entrevista continuou demonstrando o seu estranhamento, mas mesmo assim, identificou que foi atravessada por algumas características empreendedoras, como planejamento e organização. Vejamos o excerto:

“A questão do planejamento, essa questão de organização, é... às vezes dá um passo pra trás antes de enfiar a cara”.

Mas ao continuar as perguntas, Maia toma uma posição de defesa e continua utilizando a indiferença para demonstrar o seu estranhamento ao empreendedorismo. Ao ser questionada sobre as habilidades que poderia ter descoberto na disciplina, ela responde:

“Ah! Que eu me lembre assim, pode até ter...” [...] “Ah! Que eu me lembre nada específico assim” [...] “... o método em si não era inovador para mim”.

Maia se mostra indiferente ao empreendedorismo, pois não foi atravessada pelo empreendedorismo de negócio e não consegue se identificar como um sujeito empreendedor, apesar de se subjetivar ao governo da sociedade, forma sujeitos capazes de sobreviver em um mundo incerto que necessita de planejamento e organização.

Um dos principais fatores que nos motivou a fazer essa pesquisa era entender se há estranhamento ao empreendedorismo. Como já citado, a disciplina está presente em todos os currículos do Centro Universitário pesquisado, que engloba as áreas de gestão, educação, saúde mental, engenharias criativas e jurídica. De acordo com minha experiência, é um desafio falar de empreendedorismo com os cursos que não são de gestão empresarial, pois as alunas aparentemente demonstram estranhamento à disciplina. Ao entrevistar os sujeitos, percebi que as alunas de Administração não demonstram este estranhamento mas sim surpresa, não se acham capazes de estudar o empreendedorismo. Já as alunas de Pedagogia, claramente estranham à disciplina, não entendendo o porquê do empreendedorismo fazer parte de sua grade.

De acordo com Costa (2009), a governamentalidade neoliberal tem a pretensão de transformar os indivíduos em sujeitos-microempresas e comercializar todas as relações humanas. A sua formação e sua educação tomam forma de uma competição desenfreada, que quem ganha no mercado competitivo, é aquele que investe em capital intelectual. E o que os sujeitos entrevistados fazem com este poder exercido sobre nós?

Para Gates, estudante de Administração, a disciplina de Empreendedorismo foi bem vinda. Este sujeito não apresentou sinais de estranhamento, inclusive declara a disciplina como fator de retenção do aluno, como se fosse estratégia da faculdade. Quando pergunto a respeito da adequação da disciplina para seu curso, Gates responde:

“Ah! Sem dúvida”. Entrevistadora: “Inclusive o período que ela está colocada?”. Gates: “É... o período acho que foi meio estratégico. Meio como se fosse motivação logo pro aluno como entra na faculdade, neste primeiro período”.

Gates analisa o empreendedorismo como fator motivacional para o aluno de Administração continuar no curso. Ela entende que o calouro de Administração já entra na faculdade assumindo a posição de sujeito empreendedor, mas empreendedor de negócio. Analisemos mais um excerto:

*“... os alunos que entram no curso de Administração porque querem cursar de fato administração, **a metade deles querem abrir um negócio próprio**, ou seja. Querem inovar, **querem empreender**. E daí, a disciplina logo como primeiro período super da aquele... como é que*

*eu posso falar... dá aquela motivação para o aluno continuar, entender mais ou menos como é que é, como é que funciona, caso ele queira continuar, queira passar esse projeto, no caso enfim, **queira abrir esse negócio logo no primeiro período.** [...] “O que a maioria das pessoas entra em contato para fazer administração: **Óh! Vou entrar para montar um negócio.**”*

Gates relaciona a vontade do aluno de abrir um negócio com a vontade de inovar e empreender. Novamente exclui o empreendedorismo de si. E a outra metade, não pode empreender? Outro fator que nos chama atenção na análise é que Gates relaciona os alunos que querem abrir seu próprio negócio com aqueles que “**de fato**” querem cursar Administração. Os sujeitos empreendedores de negócio são aqueles que realmente cursam administração, aqueles que não são empreendedores de negócios, frequentam a aula do curso de administração, mas não efetivamente fazem o curso. Ou seja, sujeitos que assumem a posição de sujeitos empreendedores são alunos que assumem a posição de administradores.

Mas, de qualquer forma, Gates demonstra a fácil aceitação da disciplina por parte dos alunos que querem abrir um negócio. Inclusive, demonstra muito entusiasmo com a disciplina, enfatizando:

*“Que legal! É isso que eu **preciso**. Eu **preciso** montar um negócio, eu **preciso** inovar o processo da minha empresa.”*

Nota-se que por muitas vezes ela utiliza a palavra “*preciso*”, ou seja, o aluno de administração demonstra aceitação pela disciplina porque **precisa** dela para tirar seu sonho do papel, e esse sonho relacionado à abertura de novos negócios.

Mas quando a entrevistadora pergunta sobre aqueles alunos que não querem ser empreendedores de negócio, responde sem pensar: “Eu acho”. Sabendo que o ato de achar significa acreditar, Gates acredita que a disciplina é adequada para os alunos de Administração que não querem ter seu próprio negócio, mas ainda pode haver dúvidas, vejamos o excerto:

“Porque o que acontece né... nessa disciplina a gente aprende que não é só fazer o teu negócio. Você pode empreender dentro da empresa que você trabalha. Por exemplo, você falou: no período noturno a maioria trabalha, tem estágio, é efetivo. Enfim... Então daí eles podem querendo ou não fazer uma inovação. Através desta disciplina, logo no primeiro

período já para a empresa que ele trabalha, entendeu? Se ele tiver sua autonomia lá dentro, então.. acaba... acho que proporciona uma motivação e as vezes até a empresa pode entrar em parceira com o aluno. Nossa! Você trouxe isso, então vou te dar um benefício nisso. Até na própria faculdade, enfim”.

Ao analisarmos o enunciado de Gates porque ela acha que o empreendedorismo é adequado para quem não deseja ter seu próprio negócio, novamente ela exclui o empreendedorismo de si, citando o conceito de intraempreendedorismo *“Você pode empreender dentro da empresa que você trabalha.”* Ou seja, o empreendedorismo é somente para quem está no mercado como dono de empresa ou como funcionário. Mas é perceptível que para Gates o empreendedorismo e o intraempreendedorismo não atravessam todos os alunos de Administração, pois ela utiliza palavras que coloca em cheque ao não estranhamento da disciplina de empreendedorismo por parte dos alunos de Administração:

“Você pode empreender”, “a maioria”, “querendo ou não”, “se ele tiver sua autonomia lá dentro”, “então.. acaba...”, “pode entrar em parceira com o aluno”.

Durante a entrevista, Gates também demonstrou alguns traços de estranhamento ao declarar suas expectativas em relação à disciplina, por não se considerar capaz de empreender: *“Olha! Eu vou falar uma sinceridade. Quando... eu me acho uma pessoa nada criativa, nada empreendedora. E quando eu vi a disciplina que eu pensei, a princípio, logo para mim, que eu não sei nada disso, então digamos que eu entrei sem expectativas. Mas, ao sair o processo, toda esta fase, tipo disciplinas dos cursos, de montar um negócio, de elaborar, fazer um planejamento, fazer um Canvas, meio que colocar a empresa quase em prática né. Então me deu expectativas sim, de querer mudar, de querer fazer, de ir atrás. Então, na verdade, ela me deu expectativa, me deu motivação pro restante do curso”.*

Ela afirma que o empreendedorismo não atravessa, e coloca a criatividade como condição para empreender :

“... eu me acho uma pessoa nada criativa, nada empreendedora. E quando eu vi a disciplina que eu pensei, a princípio, logo para mim, que eu não sei nada disso, então digamos que eu entrei sem expectativas.”

Logo, se ela não é criativa porque discutir o empreendedorismo? O estranhamento à disciplina é demonstrada quando ela fala: “ logo pra mim, que não sei nada disso...“;. Porém esse estranhamento foi quebrado ao longo da disciplina, em que ela se descobriu e se viu como uma empreendedora.

Já Diniz não demonstrou estranhamento à disciplina de empreendedorismo. Vejamos alguns excertos sobre sua visão a respeito da adequação da disciplina para seu curso:

“Bastante. Assim, a gente vê que dá para encaixar um pouquinho em tudo. Você tem que saber de economia, você tem que saber de introdução à administração, matemática, tudo assim. Eu acho bem legal. É, a gente aprendeu muita coisa... empreendedorismo social é uma coisa que eu nunca prestei atenção, assim que tinha, achei bem legal aprender essas coisas. [...] Eu acho porque a maioria dos professores dizem que a gente está se formando para ser gestor de empresa, assim. Então é bom ter empreendedorismo pra gente saber como é chegar lá. Como chegar... se a gente quiser abrir uma empresa, ou mesmo, dentro da empresa porque a gente... intraempreendedorismo né, que quando você é funcionário assim, então é bem importante.”

Diniz não demonstra estranhamento ao empreendedorismo e reforça a importância para o aluno de Administração, igualando a importância com disciplinas específicas de administração como matemática e introdução à Administração, e enfatizando a importância com alguns adjetivos: “bastante” “bom” “bem importante”. Mas novamente exclui o empreendedorismo de si, demonstrando que é atravessada pelo empreendedorismo de negócios e pelo intraempreendedorismo. Talvez, essa fácil aceitação pelo empreendedorismo se dá ao fato de Diniz já ter um conhecimento prévio adquirido no ensino fundamental.

Jobs reforça que o empreendedorismo está intrinsecamente relacionado com Administração, ao ser questionada se a disciplina de empreendedorismo está adequada ao curso de administração: *Sim. Porque administração, a maior parte dela envolve um novo empreendimento.* Desta forma, os alunos de administração se sentem até mesmo desconfortáveis em rejeitar a disciplina de empreendedorismo.

Mas quando conversamos com alunas de Pedagogia, como Shiba, Rodrigues e Maia podemos perceber claramente o estranhamento pela disciplina. Vejamos os excertos a respeito da impressão inicial da disciplina de empreendedorismo na grade de Pedagogia:

*Shiba: “Eu não entendi **nada**. [...] Não. Na área de Pedagogia não entendi”.*

Shiba é bem enfática em declarar que não entende o porquê Empreendedorismo está na grade de Pedagogia. Em seu enunciado “Eu não entendi **nada**”, demonstra o forte estranhamento. Ao longo da entrevista, Shiba dá outros sinais de estranhamento:

“Eu acreditava, dentro da Pedagogia.. eu achei que fosse mais a questão da psicologia mesmo da educação. [...] É novo pra mim o empreendedorismo dentro da Pedagogia, porque eu já procurei em outras grades assim, não tinha empreendedorismo. [...] Daí no primeiro dia de aula que a professora deu a introdução, eu falei assim: agora tem sentido, porque o empreendedorismo, muitas pessoas dizem: Ah! Não tem nada a ver. A gente no começo acha que não tem nada a ver, mas no decorrer, a gente vê que realmente você pode aproveitar a questão né, do empreendedorismo”.

Em seu discurso, Shiba mostra-se desconfortável em demonstrar o seu estranhamento pela disciplina de empreendedorismo, e mesmo quando a entrevistadora pede para que ela seja sincera, ela responde o que esperava do curso de Pedagogia, mas não cita o empreendedorismo. O enunciado “É novo pra mim o empreendedorismo dentro da Pedagogia, porque eu já procurei em outras grades assim, não tinha empreendedorismo.” é também um traço de estranhamento, ao passo que Shiba foi procurar se em outras grades de Pedagogia tinha a disciplina de empreendedorismo. Mas Shiba demonstrou que durante a disciplina esse estranhamento foi aos poucos sendo quebrado, e tudo começou a fazer sentido para ela.

Rodrigues também demonstra estranhamento, porém se coloca aberta para a disciplina: *“Espanto né?! Na outras grades de outras faculdade não tinha a disciplina de empreendedorismo. É bem diferente pro curso de Pedagogia, de licenciatura mesmo, então eu achei diferente, mas vamos ver como é que vai ser né?! [...] De início não. Pensei: nossa! Mas empreendedorismo no que que eu vou usar isso na pedagogia né? Fui com receio, assim quando vi que tinha essa disciplina. Mas, encarei.”*

Porém o estranhamento de Rodrigues está relacionado com o medo do diferente, o medo do desconhecido. Vejamos que ela utiliza as palavras “diferente” e “receio”, mas de qualquer forma se mostra corajosa se dispondo a encarar o desconhecido.

Sabendo que as técnicas de si ajudam na crítica durante a constituição da subjetividade, podemos considerar que Shiba e Rodrigues, que estão submetidos a uma determinada forma de governo, na qual estes sujeitos fazem investimentos em si mesmos como práticas de subjetivação e constituição de si, estão se relacionando com um meio empreendedor, permitindo assim a formação dos mesmos como empreendedores de si

Já Maia, conforme já declaramos aqui nesta análise, foi a aluna de Pedagogia que mais demonstrou estranhamento e utilizou da indiferença para encobrir esse estranhamento. Ao explicar sobre a sua indiferença em relação à expectativa da disciplina de empreendedorismo Maia revela: *‘Não é algo assim, que chamou a atenção igual as outras disciplinas que a gente viu na grade. O que a gente espera, como vai ser, sinceramente não’*.

A sua indiferença foi sendo demonstrada também ao longo da disciplina, quando questionei sobre seu envolvimento, Maia responde: “... envolvimento não vou te garantir que foi 100%”. E este estranhamento bloqueou em seu discurso, emergência do intraempreendedorismo e do empreendedorismo de si, quando ela declara que ela não se vê empreendendo em sua vida pessoal. Apesar disso, Maia é um sujeito que está submerso em uma sociedade que necessita o desenvolvimento do comportamento empreendedor e, além disso, ao longo da sua história e da entrevista, ela demonstra traços de um sujeito empreendedor.

Com as análises agora concluídas pudemos perceber que antes de cursar a disciplina de empreendedorismo, os alunos do curso de Administração não demonstram estranhamento à disciplina e entendem como normal e importante a discussão do assunto durante o curso. Apesar disto, se deslocam da figura do sujeito empreendedor entendendo que não são capazes de tomar essa posição de sujeito e o efeito de sentido de empreendedorismo que atravessa estes alunos é que empreendedorismo é gerar negócio. Após cursar a disciplina, a importância do empreendedorismo para os alunos de administração se intensifica, e os mesmos passam a se identificar como sujeitos empreendedores, e de forma inconscientemente, tomam a posição de sujeito empreendedor de si. Neste momento, já conseguem ser atravessados por outras formas de empreendedorismo, como o intraempreendedorismo, exceto Maia.

Os alunos de Pedagogia, no início da disciplina de empreendedorismo, são atravessados pelo mesmo efeito de sentido que os alunos de Administração: empreendedorismo é abrir uma empresa. Desta forma, apresentam um inicial estranhamento e não entendem o porquê esta disciplina está na grade curricular do curso de Pedagogia. Este estranhamento, ao longo do semestre, foi se quebrando, e ao final do semestre estes alunos passam a se identificar como sujeitos empreendedores, assumindo algumas características empreendedoras nos seus diversos papéis no dia a dia. Estes sujeitos também são atravessados pelo intraempreendedorismo e entendem a importância do sujeito empreendedor em uma escola. Porém, o efeito de sentido que atravessa os alunos de Pedagogia de forma mais intensa é o empreendedorismo de negócio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a escrita das considerações finais da minha pesquisa, percebi que se trata de um tema que está apenas no começo de sua discussão. Esta pesquisa abriu caminho para novas reflexões acerca do tema desenvolvido, e novas possibilidades de estudo que estimulam minha curiosidade.

O empreendedorismo sempre foi um assunto que eu gostei. Na época em que cursei minha graduação, não se falava muito de empreendedorismo, e fui pesquisar mais sobre o assunto no meu último ano da faculdade no Trabalho de Conclusão de Curso. E a partir daí me apaixonei e nunca mais me distanciei. Dez anos depois eu estava realizando um sonho, ser professora, e compartilhando um assunto que do meu ponto de vista é apaixonante. Porém, descobri que nem todos os meus alunos tinham a mesma visão que a minha.

Se eu fosse descrever minhas características com certeza citaria que sou curiosa e questionadora. Desde criança sou curiosa, pergunto tudo, quero saber o porquê de tudo. E como se não bastasse uma explicação, eu questiono, para saber o sentido de tudo. A pesquisa acerca do tema empreendedorismo tomou conta do meu dia a dia, e quanto mais eu pesquiso, mais curiosa eu fico e mais eu questiono o meu entendimento do assunto. E, a partir de questionamentos pessoais e da minha experiência, surgiu a pergunta chave desta pesquisa: como a subjetividade dos alunos dos cursos de Administração e Pedagogia é atravessada pela disciplina de Empreendedorismo?

Sempre fui uma pessoa que planejei minha vida pessoal e minha carreira, e sempre procurei realizar o planejado dentro das minhas possibilidades. Dentro do meu planejamento profissional uma das minhas metas era fazer um curso de mestrado, devido a minha carreira de professora universitária. Encontrei muitas barreiras e talvez demorei muito para realizar essa meta. Mas em 2015 surgiu uma oportunidade de cursar uma disciplina como aluna especial no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação na Universidade São Francisco, e eu “agarrei” essa oportunidade. Nesta disciplina como aluna especial, tive meu primeiro contato com a Análise do Discurso, assunto que ficou na minha cabeça e me fez começar a olhar tudo com outros olhos. Foi então que decidi participar do processo seletivo para ingressar no programa, e após três dias de avaliações intensas, fui aprovada. Motivo de comemoração.

Minha formação acadêmica foi delineada na área de gestão de empresas, e então fui participar do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação na Universidade São

Francisco, e me dei conta que estava mergulhando academicamente em um mundo desconhecido: o da Educação. Neste momento fiz uma exigência a mim mesmo: eu iria me apropriar ao máximo possível de conceitos, autores, pesquisadores, pensadores que estavam sendo a mim apresentados e que de alguma forma eu pesquisaria algo relacionado à minha experiência e paixão. Foi fácil? Não, nenhum pouco. Estudei muito, fiz muitas leituras, tive muita dificuldade. Pedi ajuda aos professores, pedi ajuda aos meus colegas e aos poucos tudo foi ficando um pouco menos difícil. E ainda tive a oportunidade de fazer parte do Grupo de pesquisa de Estudos foucaultianos e Educação, certificado pelo CNPq, tendo como líder a profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia.

Enquanto eu mergulhava academicamente neste mundo desconhecido, minha vida continuou. Eu continuei com minhas horas de coordenação na IES em que eu trabalho, continuei ministrando minhas aulas, continuei sendo mãe, esposa, filha, irmã, amiga, dona de casa e ainda ganhei novos desafios. Enfim, durante todo o período assumi várias posições de sujeito.

Fui cobrada muitas vezes pelas minhas ausências e em alguns momentos minha justificativa não foi aceita, fato que me surpreendeu. Mas logo apareciam meus incentivadores me dando força. Em alguns momentos me senti com a mente bloqueada, mas nada do que uma conversa com a minha orientadora, Prof^a Marcia, não fizesse voltar tudo aos eixos. E em nenhum momento pensei em desistir, sabia que estava investindo em minha carreira, estava investindo no meu Capital Intelectual.

No primeiro ano do programa cumpri os créditos, e tive o privilégio de participar de muitas discussões, conhecer muitos autores, filósofos, pensadores que até então não havia tido contato. Foi um ano de muito aprendizado, mas foi muito intenso. Fiz muitas leituras, escrevi bastante, questioneei muito, amadureci, mudei alguns pontos de vista e tive que colocar em prática a minha habilidade de administração do tempo. E quando eu achei que tudo iria melhorar, chegou o momento da pesquisa.

O meu projeto de pesquisa já estava desenhado, pois tive que submeter ao Comitê de Ética. E em Outubro de 2016 recebi a aprovação para começar a presente pesquisa com o objetivo de contribuir para repensar os regimes de verdade que atravessam os modos de subjetivação que perpassam a disciplina de Empreendedorismo em curso de graduação. Desta

forma hipotetizamos, no início da pesquisa, que o aluno de Pedagogia, ao contrário do aluno de Administração, não vê a disciplina como constitutiva de sua subjetividade, estranhando a ela.

Escolhemos como corpus de pesquisa alunos dos cursos de Administração e Pedagogia, de um Centro Universitário de Curitiba, que têm em sua grade curricular a disciplina de Empreendedorismo. Então, paralelamente ao desenvolvimento do aporte teórico, iniciamos as entrevistas com os alunos. O que aparentemente iria ser fácil, nos surpreendeu. Tivemos dificuldade de entrevistar os alunos, pois muitos deles marcavam a entrevista e não compareciam. Nas semanas de provas e no período de férias nem aceitavam participar da entrevista. Mas não deixamos que esta dificuldade se tornasse uma barreira, e em Setembro de 2017 finalizamos as entrevistas.

Entrevistas realizadas e transcritas, então vamos analisar? Foram analisadas entrevistas com 3 alunas de Administração e 3 alunas de Pedagogia. Todas as alunas já haviam finalizado a disciplina de empreendedorismo no momento da entrevista. E o que encontramos? Os sujeitos estudantes de Administração não apresentaram aparente estranhamento à disciplina de empreendedorismo, mas concomitantemente, demonstraram um sentimento de incapacidade em discutir o assunto em sala de aula, exceto uma das alunas que já havia participado de aulas de empreendedorismo no ensino fundamental. Este sentimento de incapacidade nos causou surpresa, já que a pesquisa intitulada DNA Empreendedor, aplicada no 1º semestre de 2017 no Centro Universitário em questão aponta que grande parte dos alunos da IES sente vontade de empreender.

Já as estudantes de Pedagogia demonstraram um estranhamento inicial, que foi sendo quebrado a medida que o semestre foi passando. Uma das alunas intensificou esse estranhamento e demonstrou um sentimento de indiferença à disciplina de empreendedorismo, e, além disso, ampliou o seu sentimento para a turma.

Um dos sentidos que não esperávamos encontrar na pesquisa, que há um ponto em comum entre as alunas de Administração e Pedagogia analisadas: o empreendedorismo que atravessa estas alunas é o empreendedorismo de negócios. Como já foi citado durante o trabalho, a disciplina de empreendedorismo nesta IES tem como objetivo desenvolver o comportamento empreendedor e não ensinar os alunos a abrir negócio.

Todas as alunas entrevistadas vivem em uma sociedade que governa sujeitos que tomam diversas posições de sujeito durante seu dia a dia, e que devido à grande competitividade

imposta desde o tempo escolar, devem se tornar consumistas de Capital Intelectual. Os sujeitos que emergiram na entrevista demonstram em seus discursos que são atravessados pela governamentalidade da sociedade em que vivemos, e que apesar do dia a dia intenso, se preocupam com a sua performance profissional e pessoal. Nesta pesquisa denominamos estes sujeitos de empreendedores de si.

Apesar das alunas entrevistadas não assumirem o papel de empreendedoras, inconscientemente, assim como eu, são atravessadas pelo empreendedorismo de si, emergindo algumas habilidades como diferenciação, administração do tempo, pensar fora da caixa, planejamento. Além disso, algumas delas estão em busca de um sonho, de uma meta, e apesar das dificuldades não desistem. Todas as entrevistadas assumem a posição de sujeito consumista, mas consumista de Capital Intelectual. Estão estudando, realizando estágio, trabalhando para melhorar sua performance e competitividade no mercado de trabalho.

Para realizar esta pesquisa tive também que assumir a posição de sujeito empreendedor de si: assumi minha posição de consumista de Capital Intelectual para melhorar minha performance e competitividade no mercado de trabalho, e aflorei algumas habilidades como administração do tempo, paciência, insistência e resiliência.

Durante as entrevistas me vi refletida nos enunciados das alunas, pois também pertenço à Modernidade Líquida de Bauman, o que me causou um movimento de afastamento durante a análise. Além disso, as leituras para o aporte teórico desta pesquisa, como Foucault e seus pensadores, me deslocaram, principalmente durante as análises, para o não julgamento dos sujeitos a partir de seus enunciados. Este deslocamento me proporcionou realizar uma análise interpretativa-discursiva para identificar o que está por traz de um discurso e entender, sem julgamento de valor, os efeitos de sentido emergidos nos enunciados.

Esta pesquisa não teve a intenção nem de julgar e nem de exaltar tanto o neoliberalismo quanto o empreendedorismo, mas constatar na voz das alunas como elas se subjetivam frente a um determinado regime de verdade. Segundo Foucault “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcional como verdadeiros” (FOUCAULT, 1978/2004, p. 12). Me fez entender que vivemos em uma sociedade que, hoje, governa por meio de um discurso neoliberal, dentro do qual o empreendedorismo impera e torna-se um dos regimes de verdade

Assim, posso dizer que termino esta pesquisa me sentido diferente, uma outra professora de empreendedorismo, talvez mais leve. Foucault me ensinou a pensar de outra forma, desconstruindo conceitos, verdades absolutas e certezas a respeito dos alunos, das pessoas e do empreendedorismo. Deixei também de tentar identificar o porquê das coisas. Passei a analisar os discursos e por meio deles compreender, sem juízo de valor e de forma ampla, quais são os poderes que governam os sujeitos e os regimes de verdade os quais estes são subjetivados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREASSI, T. et al. Global Entrepreneurship Monitor. (GEM). **Empreendedorismo no Brasil**: 2015. Curitiba: IBQP, 2015.

ÂNGELO, E. B. **Empreendedor corporativo**. São Paulo: Negócio, 2003.

BARROS II, J. R. Técnicas de Si nos textos de Michel Foucault: a influência do poder pastoral. **Cadernos IHU ideias**, São Leopoldo, ano 10., n.173, p.3-18 , 2012.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade líquida**.. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CANDIDO, C. R.; PATRICIO, P. S. (Orgs.). **Empreendedorismo**: uma perspectiva multidisciplinar. Rio de Janeiro : LTC, 2016.

CARNEIRO, J. G. S. P. **Intraempreendedorismo**: conceitos e práticas para a construção de organizações inovadoras. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2013.

COSTA, S. S. G. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. **Revista Educação e Realidade**, Rio Grade do Sul: UFRGS, v.34, n.2, p. 171-186, 2009.

DEGEN, R.J. **O empreendedor**: empreender como opção de carreira. São Paulo: Perason Prentice Hall, 2009.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo corporativo**: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

_____. **Empreendedorismo na prática**: mitos e verdades do empreendedor de sucesso. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

_____. **Empreendedorismo para visionários**: desenvolvendo negócios inovadores para um mundo em transformação. Rio de Janeiro: Empreende/LTC, 2016.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERREIRA, M. C. L. **Glossário de termos do discurso**: projeto de pesquisa - a aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor. Porto Alegre: Instituto de Letras, 2005a.

_____. O quadro atual da AD no Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005b. p. 39-46 .

FERREIRA, M. P. **Ser empreendedor**: pensar, moldar e criar a nova empresa: exemplos e casos brasileiros. São Paulo: Saraiva, 2010. .

FISCHER, R. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.114, p.197-223, 2001.

FLORES, B. **Empreendedorismo de si e educação escolar**: entre cartas e tramas. 2014. 139 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978/2004.

_____. **A ordem do discurso**. 22.ed. São Paulo: Loyola, 2012.

GRIGOLETTO, M. **A resistência das palavras**: discurso e colonização britânica na Índia. Campinas: Unicamp, 2002.

JORNAL VALOR ECONÔMICO. **Brasil tem recorde de 14,2 milhões de desempregados, aponta IBGE**. Abril/2017. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/4951844/brasil-tem-o-recorde-de-142-milhoes-de-desempregados-aponta-ibge>>. Acesso em: 09 set. 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

OSTERWALDER, A.; PIGNEUR, Y. **Business model generation**. Hoboken, N.J.: J. Wiley & Sons, 2010.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 4.ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

REVEL, J. **Michel Foucault**: conceitos essenciais.. São Carlos: Claraluz, 2005.

REVISTA EXAME. **5 competências que a faculdade (ainda) não ensina**. Setembro/2015. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/5-competencias-que-a-faculdade-ainda-nao-ensina>>. Acesso em: 25 dez. 2015.

SLOTFELDT, C. **A evolução da palavra empreendedorismo**. Disponível em <https://blog.luz.vc/tendencias/a-evolucao-da-palavra-empreendedorismo-infografico/>. Acesso em: 15 fev. 2017.

SOMMER, L. H.; SCHMIDT, S. **Crianças e jovens do ensino fundamental**: discutindo as tentações do Deus consumo. Disponível em <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT13-6672--Int.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2017.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1985. VEIGA-NETO, A. **Foucault e educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ANEXO I

Questionário

1. Qual o seu nome, idade.
2. Você trabalha? Se sim, em que área?
3. O que te levou a escolher essa faculdade?
4. O que você está achando do curso?
5. O curso tem a ver com sua área de trabalho? Comente.
6. Qual foi a sua expectativa quando viu que iria cursar a disciplina Empreendedorismo?
7. Acreditava que era uma disciplina adequada ao seu curso?
8. A disciplina atendeu as suas expectativas? Em quais aspectos?
9. Como foi o seu envolvimento com a disciplina?
10. A disciplina fez algum sentido para você? Como você se sentiu fazendo essa disciplina?
11. Como você acha que essa disciplina contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal?
12. Como você acha que essa disciplina contribuiu para o seu desenvolvimento profissional?
13. Você acha que essa é uma disciplina adequada para o curso que escolheu?
14. Se desejar, faça outros comentários.